



**Idéias Para Campanhas
Evangelísticas**



Set/Out 79
Ano 45
Número 5

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Hábitos Ministeriais	3
----------------------	---

EVANGELISMO

Idéias Para Campanhas Evangelísticas	5
--------------------------------------	---

Escolas de Recuperação de Alcoólatras e Fumantes	6
--	---

O PASTOR

O Funeral	7
-----------	---

Alcançou seu Alvo de Leitura?	9
-------------------------------	---

ARTIGOS GERAIS

Enfrentando a Loucura das Seitas	11
----------------------------------	----

Arqueologia Bíblica Depois de Trinta Anos — 2ª Parte	15
--	----

Desenvolvimento da Doutrina Milenialista	22
--	----

CONHEÇAMOS AS UNIÕES

União Centro-Americana	24
------------------------	----

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa
Redator:
Naor G. Conrado

Diretor:
Arthur S. Valle

Colaborador Especial:
Salim Japas

Colaboradores:
Enoch de Oliveira
José C. Bessa
Alcides Campolongo
Pável Moura

Direção de Arte:
Erlo G. Köhler
Wilson F. de Almeida

Diagramação:
Eli Silveira Campos

Assinatura anual:
Cr\$ 96,00
US\$ 3,00

Editado bimestralmente
pela **Casa Publicadora**
Brasileira, Av. Pereira
Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo.

Esta revista acha-se
registrada na DCDP do
DPF sob nº 899 — P.209/73

Todo artigo ou qualquer
correspondência
para a revista
O Ministério Adventista,
devem ser enviados para
o seguinte endereço:
760 Ponce de Leon
Boulevard, Coral Gables,
Florida 33134 U.S.A.

Hábitos Ministeriais

Os hábitos podem ser extraordinários auxílios ou prejudicar o êxito e a utilidade de um ministro. Os bons hábitos simplificam o trabalho, tornam mais exatas as ações e diminuem o cansaço. Os maus hábitos forjam uma imagem negativa, ofendem os outros e prejudicam o bom nome e a qualidade da ocupação ministerial.

Os hábitos são adquiridos mediante um processo semelhante à aprendizagem. A repetição ocasiona um sulco através do sistema nervoso até que a ação se repita automaticamente ao apresentar-se o sinal desencadeante. Quanto mais se repete uma ação, tanto mais forte se torna o hábito. Dizia o Dr. Johnson: "As diminutas cadeias dos hábitos são geralmente demasiado pequenas para serem sentidas, até se tornarem demasiado fortes para serem rompidas."

Onde os ministros adquirem seus hábitos? De quatro fontes: 1) No lar, o ensino e a formação recebida causarão hábitos bons ou prejudiciais, segundo a qualidade do ensino e do exemplo recebidos. 2) Na igreja, cujos costumes e práticas aumentarão seu acervo de hábitos. 3) No colégio, que deveria ser a melhor fonte de bons hábitos para o futuro ministro, visto que é o lugar designado para sua correta formação profissional. Mas nem sempre é assim, se a qualidade do professorado, o ensino e os requisitos não são convenientes. 4) Os primeiros anos na Obra, são determinantes na formação de bons hábitos ou na aquisição de hábitos incorretos e prejudiciais. Muito dependerá do trabalho consciencioso dos administradores e departamentais que se preocupam em formar corretamente o novo ministro. Por isso é recomendável que os aspirantes passem um tempo razoável sob a supervisão de um pastor de experiência que possa ajudá-los a desenvolver hábitos corretos. O presidente do Campo tem o dever de vigiar a formação de hábitos corretos nos obreiros novos.

Hábitos Prejudiciais

O pastor cuja produção é deficiente e cujas relações com sua igreja, seus administradores e seus companheiros são pobres, mui provavelmente desenvolveu hábitos perniciosos que al-

Carlos E.
Aeschlimann
Secretário
Ministerial da
Divisão
Interamericana

teram sua personalidade, projetando uma imagem adversa e desagradável. Façamos um inventário dos hábitos ministeriais prejudiciais mais comuns.

1. *Desorganização.* É a carência de planos e propósitos corretos. Corre-se dum lado para o outro, procurando fazer muito, mas conseguindo pouco. A consequência é o cansaço e a frustração, que conduzem ao fracasso. "Vivemos num tempo em que são indispensáveis a ordem, o sistema e a unidade de ação." — Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros*, pág. 228.

2. *Deixar as Coisas Para o Último Momento.* É a seqüela do mau hábito anterior. O programa do culto sabático é deixado para o último minuto, o tanque batismal começa a ser enchido quando faltam poucos minutos para a cerimônia, o templo ainda está sendo construído no dia anterior a sua inauguração. O pastor está agitado, o nervosismo propaga-se entre todos, e as coisas saem mal e se tornam inopurtas.

3. *Impontualidade.* Os dois maus hábitos precedentes produzem o molesto e imperdoável hábito da impontualidade, que ocasiona demoras, momentos desagradáveis, desgostos, sendo um insulto aos que perdem seu tempo esperando. A falta de pontualidade se agrava com o descuido, com a perda de apontamentos e assumindo vários compromissos para a mesma hora. A impontualidade não é digna de um embaixador de Cristo. Todos têm o direito de esperar que o pastor cumpra seus compromissos a tempo.

4. *Descuido.* Este hábito causado pela falta de previsão e pela tendência do menor esforço se manifesta num lar desmazelado, num automóvel em más condições, num templo desordenado, sujo e em precárias condições. Amiúde, a pessoa do ministro revela descuido na maneira de vestir e na higiene pessoal. "É o dever de todo cristão adotar hábitos de ordem, perfeição e destreza. Não há desculpa para a morosidade e imperfeição em trabalho de qualquer natureza." — *Serviço Cristão*, pág. 237.

5. *Preparar o Sermão na Sexta-feira à Noite.* Este arraigado hábito ministerial atenta contra a saúde espiritual da igreja, que só recebe uma mensagem raquítica, tresnoitada e sem po-

**De Coração
a Coração**

der; o resultado é que "muitos dos que ficam no púlpito fazem com que os mensageiros celestiais que estão no auditório deles se envergonhem. O precioso evangelho que tanto tem custado para ser levado ao mundo, é injuriado." — *Testemunhos Para Ministros*, pág. 339.

6. *Irresponsabilidade*. Este defeito de caráter pode anular a utilidade do obreiro. O irresponsável deixa de cumprir tarefas indispensáveis que lhe são confiadas, ou só as cumpre pela metade. Não se pode confiar nele. Está incapacitado para desempenhar tarefas de responsabilidade.

7. *Indolência*. A obra do ministério requer trabalho árduo, por isso disse Ellen G. White: "Deus não tem emprego para os homens preguiçosos em Sua Causa." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 277. Acrescenta que muitos "nunca alcançarão uma posição superior... devido... à frouxidão dos hábitos contraídos na mocidade."

— *Idem*, pág. 278. "Muitos têm fracassado. ... Não sentiram a responsabilidade da Obra; têm levado as coisas tão comodamente, como se tivessem um milênio em que trabalhar pela salvação das almas. ... A Causa de Deus não tem tanta necessidade de pregadores, como de obreiros diligentes e perseverantes, para o Mestre." — *Idem*, pág. 279.

8. *Leviandade*. É o perigoso hábito de ser leviano nas palavras e no trato com o sexo oposto. Muitas das mais irremediáveis derrotas que têm trazido opróbrio à Causa do Mestre tiveram sua raiz em hábitos de leviandade que degeneraram em atos desonestos e impuros.

9. *Queixas e Críticas*. Alguns obreiros vivem amargurados e envenenam o ambiente que os rodeia com o hábito de queixar-se. Outros desenvolvem a tendência de criticar toda decisão ou método usado pelos outros. Diz o Espírito de Profecia a esse respeito: "Tudo quanto incite a crítica menos generosa, a disposição para notar e expor todo defeito ou erro, é mau. Isso fomenta desconfiança e suspeita, as quais são contrárias ao caráter de Cristo, e prejudiciais ao espírito que nelas se exercita" — *Idem*, pág. 334.

10. *Mediocridade*. É o hábito de conformar-se com pouco no âmbito do conhecimento e das realizações. "Uma razão disto é o pouco valor que se dão a si mesmos." — *Serviço Cristão*, pág. 238. "Podiam ter feito, inteligentemente, trabalho dez vezes maior, se se tivessem preocupado em tornar-se gi-

"As diminutas cadeias dos hábitos são geralmente demasiado pequenas para serem sentidas, até se tornarem demasiado fortes para serem rompidas."

gantes intelectuais. Toda a experiência deles em sua elevada vocação é amesquinhada porque se contentam em permanecer onde estão." — *Testemunhos Para Ministros*, pág. 194. "Muitos que possuem qualidade para realizar uma obra excelente, pouco fazem, porque tentam pouco. Milhares de pessoas passam pela vida como se não tivessem nenhum grande objetivo pelo qual viver, nenhuma norma elevada a atingir." — *Serviço Cristão*, pág. 238. "Pouca ambição tem havido de pôr à prova suas faculdades." — *Testemunhos Para Ministros*, pág. 194. Essa funesta falta de propósito de realizar uma grande obra malogrou valores que nas mãos do Senhor poderiam haver realizado uma obra gigantesca para a terminação da tarefa.

Como Vencer os Maus Hábitos

Estimado pastor, pergunte a si mesmo com toda a honestidade: "Ter-se-á enquistado em minha personalidade algum desses hábitos perniciosos?" Não resta dúvida de que eles estão prejudicando seu ministério. Qual é a única atitude corajosa e correta? Lutar contra eles até desarraigá-los.

Como vencer os maus hábitos? Vejamos algumas regras simples mas eficazes: 1) Reconhecer que somos vítima do mau hábito. Não procurar justificá-lo, explicá-lo ou minimizá-lo. 2) Plena convicção do dano que nos causa. 3) Sincero desejo de romper definitivamente com o mau hábito. 4) Luta corajosa e perseverante contra o mau hábito, que incluirá o processo de desabituação — romper a cadeia de atos ou atitudes que o hábito implica, e a substituição dos hábitos perniciosos pelos que são corretos e benéficos.

Por certo, a força impelente deve ser nosso desejo de prestar um serviço aceitável a Deus. "Procura apresentar-se a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar." II Tim. 2:15. Jamais devemos comparar-nos com seres humanos, mas nossa referência deve ser o Senhor Jesus Cristo, O qual é o "Príncipe dos pastores" e cujos passos devemos seguir.

A luta é difícil? É compreensível. A vida cristã, e mais ainda o exercício do ministério, é uma luta permanente. São Paulo dizia: "Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço." Rom. 7:19. É possível a vitória? Sem dúvida alguma! Pedro venceu seus hábitos de petulância, Tomé venceu a dúvida, os filhos do trovão venceram seus ímpetos

de violência, os discípulos venceram sua tendência para a desunião e covardia. Como o conseguiram? Por meio da oração, do esquadramento próprio, da confissão, da conversão e do poder habilitador do Espírito Santo em sua vida.

Continuaremos sendo escravos de maus hábitos? De maneira alguma! Devemos enfrentá-los e vencê-los, levando em conta que "tudo posso NA-

"Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar."
II Tim. 2:15.

quele que me fortalece" (Filip. 4:13). "O seguidor de Cristo deve-se aperfeiçoar constantemente em maneiras, hábitos, espírito e trabalho. Isso se opera conservando o olhar, não somente nas consecuições exteriores e superficiais, mas em Jesus. Opera-se uma transformação na mente, no espírito e no caráter." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 283.

(Continuará no próximo número.)

Idéias Para Campanhas Evangelísticas

IDÉIAS SIMPLES E EFICAZES

1. Dependá do Espírito Santo. Nós somos Seus instrumentos.

2. Pense que pode, e poderá.

3. Quer seja evangelista, quer, não, ponha os pés no Mar Vermelho do evangelismo, e, com, fé, ele se abrirá completamente.

4. Produza batismos. Se não há, algo está mal e deve ser corrigido. Recorde que Pedro não era orador, nem evangelista; mas, com o Espírito Santo, empreendeu um esforço e batizou três mil.

II. PLANEJAR O ESFORÇO

1. Escolha o lugar com seis ou mais meses de antecedência.

2. Selecione o material a ser usado na preparação.

3. Estabeleça objetivos possíveis.

4. Faça um orçamento que abranja a preparação e a continuação, mais ou menos com os itens seguintes:

- Material de preparação
- Imprensa e rádio
- Volantes
- Bíblias
- Material de continuação
- Equipamento
- Filmes
- Atalaias
- Anúncios e outros
- Imprevistos

5. Reúna todos os oficiais da igreja; exponha o plano para o esforço e obtenha o apoio deles.

6. Dedique várias reuniões com os oficiais a orar e ouvir sugestões.

7. Pregue no sábado um sermão curto e vibrante sobre a necessidade de fazer evangelismo.

8. Convoque a igreja com tempo para esse sábado à tarde, leve suficiente material e entregue a cada

Joel Manosalva
Secretário da
União Colombo-
Venezuelana

membro e unidade evangelizadora uma tarefa definida de preparar pessoas; que tragam pelo menos três a cinco pessoas cada noite.

9. Nomeie nessa tarde as seguintes comissões:

- Grupos de oração
- Programa
- Recepcionistas
- Finanças
- Surpresas
- Relações Públicas, rádio
- Embelezamento do lugar
- Volantes
- Plataforma
- Equipamento e filmes
- Visitação e estudos bíblicos

10. Reúna os professores e planeje uma semana de oração para o colégio, simultaneamente.

11. Reorganize as classes batismais.

12. Planeje uma semana de reavivamento e vigílias antes do esforço.

13. Organize e anime leigos e jovens a realizarem pequenos esforços da Voz da Mocidade nos bairros, e que posteriormente tragam essas pessoas a seu esforço.

14. Prepare temas sólidos e da atualidade. Jejue com sua família. Apresente idéias novas que atraíam a atenção do público.

15. Comece num sábado à noite, e na tarde que precede o esforço ponha a igreja a distribuir volantes. Suspenda todas as outras atividades nessa tarde.

III. COMO COMEÇAR O ESFORÇO

1. Elimine o que não lhe tenha dado bons resultados. Modifique os sistemas e métodos e seja diferente. Exemplo:

- Comece com um batismo
- Que o público participe

Evangelismo

- c. Assuntos de saúde
- d. Com bons prêmios
- e. Novidades que atraíam
- f. Com um matrimônio
- g. Um simpósio sobre o lar
- h. Assuntos sobre a delinquência
- i. Convidados ajudam o conferencista
- j. Prometa um grande prêmio para o final

2. Deixe uma noite livre na semana. Organize logo a classe bíblica.

3. Cada sábado à noite tenha algo novo para dar interesse à próxima semana.

4. Tenha durante as conferências dedicação de crianças, matrimônios, tempo para perguntas e respostas. Organize aos sábados à tarde e aos domingos palestras em separado para jovens, esposos e esposas. Notará que o público aumentará e muitos serão batizados.

Pregue no sábado um sermão curto e vibrante sobre a necessidade de fazer evangelismo.

5. Na terceira semana, como um grande prêmio, faça um passeio bem organizado, com batismos.

6. Reúna as comissões com frequência, ouça opiniões e agradeça a ajuda.

IV. PROGRAMA DE CONTINUAÇÃO

1. Permita que o pastor do lugar se dê a conhecer e que o público se vá adaptando a ele.

2. Tenha o volante pronto, e que ele comece um sábado à noite.

3. O público não deve saber que o evangelista irá embora.

4. Deixe materiais e idéias para o novo orador. Especialmente dinheiro.

5. A continuação deve durar pelo menos três semanas.

EXPERIMENTE E VERÁ OS RESULTADOS!

Escolas de Recuperação de Alcoólatras e Fumantes

Uma escola de recuperação de alcoólatras e fumantes basicamente consiste num grupo de pessoas que se reúnem semanalmente para fazer o tratamento gratuito do alcoolismo e tabagismo.

Cada sexta-feira, sábado ou domingo à noite esse grupo de pessoas voluntárias está em sua escola para ajudar os que se encontram nas sendas do vício do álcool e do fumo.

Neste projeto há centenas de irmãos da Associação Paulista Leste da IASD, empenhados em recuperar esses infelizes escravos da intemperança.

Esta é a nossa oportunidade de libertar essas vítimas da intemperança. É importante que todos os membros de nossas igrejas e instituições trabalhem na obra da temperança, tanto na prática como no ensino.

A temperança consiste na dedicação, no viver e na prática. Devemos atingir com ela todas as classes sociais. A irmã White diz que a temperança deve ser divulgada pela palavra, pena e voto. (*Temperança*, pág. 227.)

Não se deve sobrecarregar o ministro da igreja, aproveitando melhor homens e mulheres profissionais e homens de negócios, médicos e enfer-

Diógenes S. Melo

meiros, com toda sorte de talentos, em prol da temperança.

Há necessidade de mensageiros capazes de apresentar a Palavra de Deus quanto ao assunto da temperança. Para o sucesso da temperança, é necessário que cada igreja tenha um líder para tal fim.

Com base nos escritos do Espírito de Profecia e na Bíblia, foi criado o plano das Escolas de Recuperação de Alcoólatras e de Fumantes.

Para formar uma dessas escolas são necessárias três condições fundamentais:

I. CONDIÇÕES HUMANAS

É necessário uma equipe para esta espécie de trabalho na igreja. Esta equipe consiste num diretor e num vice-diretor, nomeados pela comissão da igreja e que têm sob sua responsabilidade a direção e a organização da escola. O diretor pode ser o próprio secretário de temperança da igreja. Os demais membros são nomeados pela comissão da igreja, em acordo com o diretor, que faz o registro do aluno e provê o material didático da escola.

Assistentes: Relações Públicas e grupo de visita formam a equipe.

II. CONDIÇÕES MATERIAIS

A escola pode funcionar num salão da escola primária ou, se não houver, as reuniões podem ser realizadas noutro salão ou na própria igreja, com o consentimento da comissão da igreja.

III. CONDIÇÕES FINANCEIRAS

Deve haver uma provisão de fundos para o funcionamento da Escola de Recuperação. Na oferta da caixa missionária ou no plano de mordomia da igreja pode ser incluída uma provisão para despesas dessa escola, aquisição de materiais, filmes, *slides*, máquinas para projeção, etc.

Programa

1ª Parte: O programa consta de uma palestra de 7 a 10 minutos de meditação na Palavra de Deus. Não é um sermão, mas um pequeno assunto devocional que inspire fé e confiança em Deus.

2ª Parte: Consta de uma pequena palestra de 15 minutos sobre o álcool, e em seguida vem o testemunho de um alcoólatra que está em recuperação, dizendo de suas vitórias alcançadas naquela semana.

A parte seguinte é a palestra de 15 minutos, no máximo, sobre os efeitos do fumo no organismo humano, também seguida de uma entrevista com um aluno para confirmar sua decisão feita anteriormente.

3ª Parte: Nesta última parte os alunos são divididos em grupos, e nessa ocasião cada assistente tem a oportunidade de conversar com eles e entrevistá-los pessoalmente. É feita a terapia

É importante que todos os membros de nossas igrejas e instituições trabalhem na obra da temperança, tanto na prática como no ensino.

de grupo e são entregues os medicamentos e anotados na ficha pessoal de cada um.

No final do programa faz-se em conjunto a oração do Pai Nosso, e os alunos são despedidos até a próxima reunião, na semana seguinte.

Assim Deus tem operado muitos milagres. Muitas pessoas têm-se recuperado e aceito também o evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.

Visitação

Durante a semana ou aos sábados à tarde essas pessoas são visitadas, verificando-se as suas necessidades materiais e espirituais e animando-as a estarem presentes na reunião seguinte.

Nessa ocasião muitos têm a oportunidade de ouvir o evangelho pela primeira vez em sua vida. Recebem estudos bíblicos em suas casas ou são matriculados no curso da Voz da Profecia.

Este é um projeto missionário de temperança que tem apresentado muitos resultados positivos de recuperação e de salvação de almas que foram libertadas dos vícios sociais do alcoolismo e tabagismo.

Hoje temos 63 destas escolas em todo o Estado de S. Paulo. Também temos outras em outros campos missionários fora da Associação e do Território Nacional.

Que Deus seja louvado por tudo isso!

O Funeral

1. O funeral é uma prova singular da aptidão de um homem para o ministério evangélico. "Há duas espécies de ministros: um sabe como dirigir um funeral; o outro não." — Blackwood, *The Funeral*, pág. 14. A morte só ocorre uma vez. A cerimônia fúnebre não deveria ser enevoadá por um ministro.

2. Não há dois funerais exatamente iguais. Nenhum processo padronizado pode ser usado para todos os casos. O senso comum e o preparo do ministro e a orientação do Espírito Santo devem determinar a execução de cada funeral. As sugestões para dirigir os funerais são necessariamente gerais e

Norval F. Pease

precisam ser adaptadas a cada situação específica.

3. O ministro deve portar-se de tal maneira em sua relação com a congregação que eles se voltem naturalmente para ele na hora da aflição. O pastor leviano, frívolo, pouco espiritual e pouco amistoso estará em desvantagem inicial quando os membros de sua igreja necessitarem de vigoroso apoio espiritual em ocasiões de luto.

4. Quando o ministro toma conhecimento de que faleceu alguém de sua congregação, deve visitar imediatamente o lar dessa pessoa. Sua simpatia deve manifestar-se mais por seu espírito do que por suas muitas pala-

O Pastor

vas. Deve deixar que as pessoas desabafem o coração, orar com elas e trazer-lhes à lembrança o amor de Jesus. Deve estar atento a qualquer possibilidade de ajudar a família no sentido material. Quanto à cerimônia fúnebre, não deveria oferecer-se para dirigi-la, mas estar disposto a fazê-lo se lho solicitarem. Não deve ficar ofendido se a família escolher outro ministro ao qual talvez conheçam melhor — com efeito, o pastor deve manifestar sua boa vontade em ajudar a providenciar a presença de outro ministro, se a família desejar que o faça.

5. Se a família solicitar que o pastor officie na cerimônia, convém que haja uma troca de idéias a esse respeito. O ministro não deve invadir o âmbito das responsabilidades do diretor do funeral. Entretanto, a família e o ministro devem considerar tais pormenores como os auxiliares ministeriais, a música, pedidos especiais a respeito da natureza da cerimônia, etc. O ministro deve aceder aos desejos dos enlutados em tudo que for possível. No entanto, se forem feitas sugestões que são inexecutáveis, o ministro, com bondade e tato, deve propor outras opções. O pastor deve deixar claro para a família que ele está à sua disposição e que fará tudo que for possível para auxiliá-la.

6. Se houver necessidades evidentes, como preparar alimentos, cuidar de crianças ou prestar ajuda financeira, o ministro deve pedir o auxílio de membros da congregação que ele sabe estarem em condições de prover a necessária ajuda. Contudo, nem o ministro nem a igreja devem procurar realizar o que outros membros da família querem e podem fazer.

7. O ministro deve ter o cuidado de não dar conselhos em demasia. As pessoas têm o direito de tomar suas próprias decisões quanto à escolha do diretor do funeral, do custo das exéquias, do lugar de sepultamento, etc. Poderá haver casos em que o afável conselho pastoral seja necessário para evitar que se prevaleçam de alguma viúva. Deve haver, porém, o máximo cuidado ao lidar com tais casos. Acima de tudo, o ministro deve manter-se alheio a disputas de família.

8. O ministro deve dispor de tempo suficiente para a preparação do sermão. Um sermão velho nunca é adequado. O ministro mediano terá de passar pelo menos a metade de um dia em estudo, oração e preparação para a cerimônia.

O ministro deve portar-se de tal maneira em sua relação com a congregação que eles se voltem naturalmente para ele na hora da aflição.

9. Eis alguns característicos de um bom sermão para tais ocasiões:

a. Ele deve ter apropriado fundamento bíblico.

b. Deve centralizar-se em Cristo.

c. Deve adaptar-se ao indivíduo, mas não conter encômios em demasia. Quaisquer palavras de louvor ao falecido devem referir-se a bons traços evidentes a todos.

d. Deve ser curto, durando geralmente cerca de 15 minutos.

e. Não deve ser uma exposição doutrinária.

f. Seu tom deve ser afável, terno e compassivo.

g. As ilustrações devem ser escolhidas com muito cuidado.

10. O ministro deve estar no local da cerimônia fúnebre com bastante antecedência do tempo programado. Os funerais devem ter prioridade sobre quase tudo. Outros compromissos devem ser cancelados ou adiados se são incompatíveis com o preparo ou a realização da cerimônia fúnebre ou tendem a prejudicá-la.

11. O ministro deve elaborar um programa para a cerimônia e fornecer cópias a seus auxiliares, aos músicos e ao diretor do funeral. Amiúde o programa será mais ou menos como este:

a. Entrada dos ministros.

b. Leitura bíblica e oração.

c. Solo.

d. Obituário.

e. Sermão.

f. Solo.

Esta ordem pode variar segundo as circunstâncias. A leitura bíblica deve ser de molde a inspirar esperança e confiança.

12. O ministro deve estar vestido apropriadamente para a cerimônia. Se ele reside numa região em que todos os diretores de funeral usam calças listadas e casaca, convém que o ministro se vista do mesmo modo. Seja como for, seu traje deve ser conservador e impecável.

13. O ministro deve cultivar relações cordiais com os diretores de funeral em sua região. Eles geralmente estão muito desejosos de cooperar com os ministros. A cooperação mútua é importante.

14. A atitude do ministro durante a cerimônia deve ser calma, compassiva e decorosa. Luto afetado é censurável. Lágrimas de crocodilo são uma paródia. Sincera simpatia e vigoroso amparo constituem a contribuição mais apreciada do ministro. A voz deve ser usada cuidadosamente. Gritos ou qual-

quer método que produza tensão, são impróprios.

15. Após a cerimônia na capela, o ministro deve permanecer em pé enquanto as pessoas olham os restos mortais. Quando a família se aproxima para dar sua última olhada à pessoa falecida, o ministro deve acercar-se deles, fortalecendo-os mais com sua presença que com suas palavras. O ministro precede o esquife da igreja ao carro funerário.

16. A cerimônia ao lado da sepultura geralmente consiste de:

- a. Um breve texto bíblico.
- b. Uma oração.
- c. Talvez uma declaração de entrega.

Assim como na capela, o ministro precede o esquife do carro funerário até a sepultura. Ele dirige a cerimônia junto à sepultura de uma posição ao lado do esquife, próximo à cabeça. Alguns diretores de funeral fazem os portadores do esquife desfilar ao lado do esquife e colocar suas abotoaduras sobre ele. O ministro deve cooperar com tais práticas.

17. Se a cerimônia é uma cerimônia militar ou se uma loja maçônica está participando, o ministro deve cooperar com as organizações participantes.

18. Após a cerimônia junto à sepultura, o ministro deveria falar sucinta e bondosamente com a família enlutada, demorando-se no local até que a família se retire. *Jamais* deve dar a impressão de que está com pressa.

19. Em muitos casos, convém visitar a família alguns dias após a cerimônia. Com freqüência, o ministro po-

Não há dois funerais exatamente iguais. Nenhum processo padronizado pode ser usado para todos os casos.

de prestar maior ajuda nessa ocasião. Também é um bom costume enviar um cartão de lembrança no primeiro aniversário da morte do falecido. A família sente-se grata ao saber que seu ente querido não foi olvidado pelo ministro.

20. Ordinariamente, os ministros adventistas não aceitam honorários pela realização de cerimônias fúnebres, a menos que haja grandes despesas de viagem. Entretanto, o costume de dar um presente ao ministro é tão comum nalgumas regiões que o ministro tem de usar de bom senso para controlar a situação. Acima de tudo o mais, ele deve ser coerente em sua conduta.

21. O ministro tem de ser muitíssimo cuidadoso na realização de funerais que envolvem problemas — como, por exemplo, no caso de um suicida, de um filho rebelde, de uma mãe com filhos pequenos, de uma pessoa não cristã. Sempre deve ser sincero, mas nunca deve ser indelicado. Aspectos que magoam e ferem devem ser evitados.

“A cerimônia fúnebre ressalta o que de força ou fraqueza existe num homem. O conteúdo e o espírito de tudo o que ele faz e diz revelam a veracidade ou a irreabilidade de suas crenças, doutrínarias, a calidez ou a frieza de sua experiência espiritual, a amplitude ou a exigüidade de seu conhecimento bíblico, a sinceridade ou a simulação de suas simpatias e sua competência ou falta de habilidade como dirigente de culto.” — Blackwood, *The Funeral*, pág. 23.

Alcançou Seu Alvo de Leitura?

“— Quê? Outro alvo?”

“— Não, meu estimado colega. Não se preocupe. Ninguém lhe pedirá contas deste alvo. No entanto, todos notarão a diferença se o alcançou ou não.”

As linhas anteriores bem poderiam ser o início de uma conversação numa reunião ministerial, quando se fala de alvos e objetivos, pois alguns (espero que sejam poucos) tendem a protestar contra os alvos.

Pois bem, hoje quero conversar com você sobre o alvo mais agradável que

R. H. Maury
Presidente da
União Colombo-
Venezuelana

já conheci: o plano de leitura para o ano. Apesar de todas as vantagens do sistema, nem todos estão convencidos a seu respeito. Por isto abrigo a esperança de estimular cada um à conquista deste alvo no novo ano.

A desculpa mais freqüente no tocante ao assunto, é: “Não tenho tempo!” Ao examinar, porém, a forma em que gastamos o tempo de cada dia, compreendemos que os hábitos de vida são os responsáveis.

Não me refiro nestes parágrafos à

leitura cotidiana da Palavra de Deus e dos escritos da serva do Senhor, pois são indispensáveis e básicos. Nunca entre num programa de leitura, a menos que esta prioridade seja cumprida. Quando falo de leitura, faço alusão a outras fontes de conhecimento e informação. A pena inspirada nos dá um dos conselhos mais brilhantes que consegui encontrar para aumentar nossa capacidade de leitura. A instrução consiste em ter sempre um livro à mão, ao viajar, ao esperar a realização de um encontro, a partida do trem ou do ônibus, o início de uma reunião, etc. (*Parábolas de Jesus*, págs. 343 e 344.)

Os que levamos a sério esse conselho temos comprovado sua eficácia ao possibilitar que leiamos milhares de páginas, enquanto nas mesmas circunstâncias tantos outros simplesmente perdem esses preciosos minutos. A leitura é um hábito a mais, e, como tal, pode ser adquirido ou abandonado com a aplicação da vontade. Talvez sua aquisição possa iniciar-se cultivando o costume de levantar quinze minutos mais cedo, a partir da manhã seguinte à leitura destas linhas. Afinal de contas, não será um grande sacrifício. Contudo, esse quarto de hora diário se converterá no fim do ano em nada menos que um pouco mais de noventa horas.

O mais importante do plano é, porém, que depois de algumas semanas, o indivíduo se terá habituado a ler cada dia certo número de páginas, e logo descobrirá que está dedicando à ampliação de seus conhecimentos mais de quinze minutos diários. Imagine quanto poderá abranger quando desenvolver um sistema de leitura bem estruturado! Cada página que for lida desencadeará uma torrente de idéias e pensamentos que tornarão mais rica sua vida social, seu trabalho, suas relações públicas, e estimularão seu pensamento criador e a suavidade de suas apresentações.

Se deseja tornar-se um bom leitor ou reforçar esse hábito que talvez não tenha sido tão brilhante em sua vida, sugiro que pense hoje mesmo nas regras seguintes:

1. *Elabore uma lista de livros que prenderam sua atenção e programe sua leitura para os próximos seis ou doze meses (esta faceta de sua vida também merece planejamento).*

2. Destine uma parcela de seu orçamento à aquisição de livros e revistas — não importa que a quantia seja pequena, mas faça-o sistematicamente.

3. Consiga o cartão de leitor da

Elabore uma lista de livros que prenderam sua atenção e programe sua leitura para os próximos seis ou doze meses (esta faceta de sua vida também merece planejamento).

biblioteca pública de sua localidade. Este serviço é gratuito e porá ao seu alcance bons livros.

4. Quando visitar seus amigos, dê uma olhadela em sua biblioteca. A maioria deles estarão dispostos a partilhar seus livros com você; mas, se tomar livros emprestados, trate-os como propriedade alheia. Não os sublinhe, nem escreva na margens, e jamais olvide o lugar de onde os tomou emprestados. Sir Walter Scott dizia: "Descobri que muitos amigos meus, embora sejam péssimos matemáticos, são excelentes guarda-livros."

5. Torne-se amigo dos proprietários ou administradores de livrarias. Conseguirá descontos significativos. Dê-lhes exemplares de *O Atalaia*, de *Vida e Saúde* ou de *Mocidade*, e terá uma ponte amistosa. Cada mês, ao entregar a revista pessoalmente, terá oportunidade de passar os olhos sobre as últimas publicações. É provável que o livreiro lhe empreste alguns volumes de sua biblioteca pessoal.

6. Recorde sempre que não é a quantidade de leitura que importa, e, sim, a qualidade da mesma. Leve isto em conta ao planejar o ano de leitura.

7. Inclua em seu programa não somente a leitura informativa, mas também o aprendizado de novas matérias. Este último talvez requeira mais esforço, mas compensa (o cultivo de uma predileção pode desenvolver-se estudando o tópico).

Finalmente, faça algumas considerações sobre o próprio processo da leitura, a fim de torná-lo mais agradável e abarcante:

1. Embora a leitura rápida seja recomendável em muitas circunstâncias, não se prive do prazer da leitura que requer meditação e se realiza sem afobação. Há obras saboreadas com deleite ao serem lidas sem pressa.

2. Ler um livro não significa seguir a seqüência de páginas e capítulos. É possível lê-lo por etapas, sem seguir a ordem prescrita pela paginação. Muitas vezes nesse tipo de leitura determinamos a necessidade de lê-lo todo em forma contínua ou colocá-lo em terceiro ou quarto lugar na lista de prioridades.

3. É conveniente sublinhar os parágrafos que nos pareçam mais destacados e originais (sempre que o livro seja de nossa propriedade). Além disso, deveríamos fazer apontamentos, em cartões, de idéias-chaves para o arquivo, a fim de saber exatamente onde encontrar a fonte quando prepararmos algum artigo, conferência, sermão, etc. Ter muitos livros e não dis-

por de um guia que nos forneça informações precisas, pode fazer com que percamos muitos tempo valioso, quando menos dispusermos dele.

4. Não se entusiasme com as enciclopédias. Para consultas enciclopédicas, use as que se encontram nas bibliotecas públicas, em colégios ou universidades de sua localidade. Em geral, são muito custosas e a quantidade de informações sobre determinados tópicos é muito breve. O caso é diferente com enciclopédias especializadas, as quais têm magnífico material.

5. Cultive o hábito de partilhar seus achados de bons livros com seus ami-

Consiga o cartão de leitor da biblioteca pública de sua localidade. Este serviço é gratuito e porá ao seu alcance bons livros.

gos e companheiros de trabalho. Lembre-se de que falar de livros é um bom ponto de partida para cultivar amizades.

6. Quando empregar idéias textuais ou material completo extraído de outros autores, dê o crédito ao escritor, quer ao fazer conferências ou escrever artigos. Evite o plágio. Quanto mais seletor for o seu auditório, tanto mais rapidamente notarão a originalidade de suas idéias ou a apropriação indevida de pensamentos alheios, dando a impressão de serem próprios.

Decida agora mesmo adotar um novo sistema de leitura, e minhas felicitações por esse primeiro passo!

Enfrentando a Loucura das Seitas

Ondas de indignação contra a atrocidade de Jonestown, nas selvas guianenses, alguns meses atrás, continuam suscitando uma atitude negativa para com a religião em geral, entre muita gente. Os prováveis resultados de semelhante atitude são tão multiformes quanto indefiníveis. O espectro de um aumento na regulação e intervenção governamental é um deles. Alguns advogados, oficiais públicos e cidadãos preocupados pediram investigações de organizações religiosas controversas, por parte do Congresso norte-americano, sindicâncias de igrejas e seitas suspeitas de infrações financeiras, e inquirições por agentes federais em caso de possível ou pretensa atividade criminosa por grupos religiosos. Concordamos com a declaração do Presidente Carter numa entrevista com a Imprensa, após o massacre na Guiana: "Não creio que devamos ter uma reação exagerada, devido à tragédia de Jonestown, procurando controlar as crenças religiosas das pessoas."

Nossa arremetida neste artigo não é, porém, a liberdade religiosa. Deixaremos que nossa revista *Liberty* trate desse ponto. Por mais grave que seja a ameaça latente à liberdade religiosa, achamos que há inferências de maior projeção e de conseqüências eternas.

A tragédia de Jonestown e outras manifestações violentas em tempos re-

Pelos Redatores da Revista *Ministry*

centes têm concentrado a atenção como nunca dantes na atual "loucura de cultos ou seitas". O vocábulo *culto* aplica-se comumente a um sistema de adoração ou ritos religiosos, mas também pode ter uma aplicação secular. Uma definição abrange a idéia de devotado apego a uma pessoa ou princípio, ou extravagante admiração por eles, especialmente quando considerados moda passageira, como o *culto* do nudismo. Assim, essa palavra tem uma aplicação mais ampla do que simples aberração religiosa.

Por exemplo, no âmbito político há evidências de *cultos*. Ficamos horrorizados diante de quase mil vidas que se extinguíram em Jonestown, mas pensemos nos incontáveis milhões que foram impelidos ao altar do sacrifício por cultos políticos fortemente armados.

No sentido religioso, esse vocábulo é, porém, usado com mais freqüência para designar os grupos que se afastam consideravelmente do que se considera como cristianismo histórico e ortodoxo. Calcula-se que uns três milhões de jovens americanos pertencem atualmente a uma variedade de seitas e grupos religiosos marginais. Esse número certamente deveria fazer com que perguntássemos: "Por que tantos jovens chegaram à conclusão de que o cristianismo histórico não pode satis-

Artigos Gerais

fazer suas necessidades religiosas? O que oferecem essas seitas que está falando ao cristianismo?"

Psicólogos seculares, procurando encontrar uma explicação para o crescente número de atos de violência grotesca, têm apontado o dedo, em parte, para a igreja e a religião. O periódico *U.S. News and World Report*, em 11 de dezembro de 1978, citou estas palavras do psicanalista e sociólogo Ernest van den Haag: "Uma razão para o crescimento das seitas é que as igrejas tradicionais se tornaram muito débeis. As pessoas querem mais, e compete às igrejas estabelecidas tornarem-se mais significativas para o povo." Haag disse também que a principal razão por que certas pessoas acumularam tão enorme cabedal de ressentimento e ira está em que "a sociedade não tem dado a sua vida o significado que a religião lhe dava no passado".

É verdade que o cristianismo, como um todo, não apresenta a orientação moral e o sólido conteúdo bíblico para a vida das pessoas como fazia antigamente? De nosso ponto de vista, afigura-se que temos de reconhecer que a acusação é em grande parte bem fundada. Por conseguinte, neste artigo e em artigos futuros pretendemos examinar o que consideramos como características do autêntico cristianismo. Reconhecemos que semelhante tarefa nem sempre é bem definida. Alguns traços que parecem ser peculiares às seitas também podem refletir-se no cristianismo ortodoxo. Às vezes as distinções envolvem apenas diferenças de graduação. No entanto, para que a igreja assuma seu devido lugar na vida de homens e mulheres modernos, precisamos considerar os característicos que deram autoridade e autenticidade a sua voz no decorrer dos séculos.

O Cristianismo Autêntico Nunca Usa a Força ou a Coerção

Em vista do massacre de Jonestown, é natural começar aqui. Até mesmo o conhecimento restrito da vida de Cristo, da maneira como é exposta nas Escrituras, indicaria que tais processos como "programatizar" e "lavagem cerebral" são estranhos ao plano de Deus. E muito mais ainda a coerção e a perseguição abertas. O princípio do amor é o fundamento da igreja de Cristo. Muitas seitas hoje em dia reagem com ódio diante de qualquer pessoa que se oponha a suas doutrinas ou aponte seus defeitos. Em contraste com isso, a autêntica Igreja Cristã

O vocábulo "culto" aplica-se comumente a um sistema de adoração ou ritos religiosos, mas também pode ter uma aplicação secular.

usará o amor até mesmo ao disciplinar os seus membros. A máxima disciplina permitida na igreja do Novo Testamento é a exclusão de um membro da comunhão da igreja. E, ao fazê-lo, a disciplina deve ser efetuada de tal maneira que o ofensor sinta que a igreja ainda o ama, embora não mais lhe seja permitido continuar como membro.

A ausência de coerção no cristianismo é realçada na experiência de Jesus com Tiago e João, os filhos do trovão. Quando uma aldeia de samaritanos recusou-se a receber o Mestre, Tiago e João encheram-se de indignação. Eles sugeriram que Cristo ensinasse uma lição a essa aldeia mandando descer fogo do céu para consumir os seus habitantes. A resposta de Jesus salienta uma verdade fundamental encontrada no cristianismo autêntico. "Voltando-Se, ... repreendeu-os, e disse: Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las." S. Luc. 9:55 e 56, Almeida, antiga. Jesus não obriga ninguém a recebê-Lo. Satanás é que procura compelir a consciência. O Cristo compassivo sempre procura conquistar os homens por meio do amor e da ternura. O serviço forçado e a obediência compulsória não são aceitáveis à vista de Cristo.

Ellen G. White escreveu: "Não há mais concludente prova de possuírmos o espírito de Satanás, do que a disposição de causar dano e destruir aos que não apreciam nossa obra ou procedem em contrário a nossas idéias." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 366. Conquanto a História esteja manchada por todos os lados de horribéis episódios de intolerância religiosa, nada é mais insultante a Deus.

A Autoridade das Escrituras

A "loucura das seitas" tem sido muito menos intensa no Centro-Oeste dos Estados Unidos, onde essas religiões aberrantes não têm tido grande poder atrativo. Os observadores acham que essa falta de interesse pode ser atribuída em grande parte à nítida forma conservadora voltada para a Bíblia que o cristianismo assumiu ali.

O fato de que as seitas não parecem conseguir conversos nos lugares em que é reconhecida a autoridade da Bíblia e onde os adeptos se apegam a um vigoroso sistema de valores deveria fazer com que os ministros cristãos pusessem de lado, pelo menos por um momento, os tomos teológicos e os

comentários enfileirados nas estantes de sua biblioteca e tornassem a examinar suas Bíblias que amiúde têm sido muito negligenciadas.

Tem-se reconhecido cada vez mais que a filosofia humanístico-evolucionária que moldou grande parte da teologia durante mais de uma geração está rapidamente se tornando falida. A acentuada tendência atual para o conservantismo político, ético e mesmo teológico denota uma oscilação voltada para maior respeito pela autoridade. Até mesmo as boas maneiras estão reaparecendo!

A permissividade e o pragmatismo deixaram seu estigma numa geração que agora parece ser grandemente infundada e assaz vulnerável a personagens egocêntricos, egoístas e autoritários. Que outra coisa se poderia esperar dos que foram criados num clima de falta de instrução bíblica e de débil testemunho?

Em seu livro *In the Presence of Mine Enemies* ("Na Presença dos Meus Inimigos"), Howard Rutledge, que passou sete anos (cinco deles em prisão celular) num campo de concentração no Vietnã, conta como ele e muitos de seus companheiros preservaram sua integridade e sanidade mental e venceram o poder da morte ao seu redor voltando-se para as dimensões espirituais que quase tinham olvidado, embora houvessem sido estabelecidas "nos dias da escola dominical", em sua juventude. Pelo menos tiveram algo em que escorar-se quando o necessitaram tão desesperadamente.

Que acontece com os membros de vossa congregação? Estão recebendo o Pão da Vida — a única coisa que pode sustentá-los durante as crises da vida? Sua fé está sendo firmada nas Escrituras Sagradas como a autorizada revelação da vontade de Deus — a norma do caráter, o revelador de doutrinas e a pedra de toque da experiência? Estão eles persuadidos de que a Bíblia é inspirada, segura e fidedigna?

Em Sua Palavra, Deus nos transmitiu o conhecimento essencial para a nossa salvação e a sabedoria que nos livrará de ser levados ao redor por todo vento de doutrina. E é expresso numa linguagem que tem enternecido a vida e o coração das pessoas, suprindo suas mais profundas necessidades por milhares de anos e em quase todos os países da Terra. Só este fato é suficiente para demonstrar claramente que a Bíblia é o produto da mente divina, e não o resultado das imperfei-

"Exaltai a Jesus, vós que ensinai o povo, exaltai-O nos sermões, em cânticos, em oração."

tas e mutáveis excentricidades do pensamento humano.

O conhecimento humano, mesmo nesta época inundada pela luz das descobertas científicas, demonstrou ser um guia muito duvidoso. Sem uma fé baseada firmemente na revelação de Deus a Seu próprio respeito e de Sua vontade para nós, as pessoas são deixadas ao sabor das ondas, sem uma âncora para a alma, tornando-se obviamente suscetíveis às tendências e modas que saltam dum lado para outro, como as oscilações irregulares do pêndulo de um relógio num terremoto.

E a Terra *está* tremendo — tremendo por causa de uma série de terríveis abalos sem precedente que nos dão incontestável evidência de que as pessoas hoje em dia precisam restabelecer sua confiança na autoridade da Palavra de Deus. Todo pretenso grupo cristão que de um modo ou outro rebaixe as Escrituras e sua autoridade, certamente desprezou um dos característicos fundamentais do cristianismo histórico.

A Divindade e a Centralidade de Cristo

Nada é mais central ao cristianismo histórico do que a própria Pessoa de Cristo. Nada distingue mais a qualidade da fé de alguém do que sua atitude para com o Cristo em torno do qual gira o cristianismo.

A igreja cristã, no decorrer dos séculos, muitas vezes combateu as seitas que ameaçavam a verdade bíblica da divindade e da centralidade do Salvador. A igreja ainda está fazendo a mesma coisa. A atual "loucura das seitas", caracterizada pelo realce a messias divinos de iluminação oriental, de personagens carismáticos paternos como Jim Jones e o Reverendo Moon (cujos adeptos o consideram o "Segundo Messias") e outros grupos excêntricos deixam completamente de atribuir ao Filho de Deus o Seu legítimo lugar.

Por mais que deploremos essas notórias substituições da verdade bíblica de um Salvador divino que é o Filho unigênito do Pai eterno, o Criador e Redentor da humanidade, temos de reconhecer que existem tendências tanto entre os elementos liberais como conservadores do cristianismo que igualmente depreciam a elevada posição que Jesus Cristo deve ocupar.

Sem dúvida, temos de atribuir pelo menos uma parte do vácuo espiritual da sociedade, increpado até mesmo pelos secularistas hodiernos, àqueles

dentro da igreja que arrebataram os elementos sobrenaturais da Escritura. Quando rejeitamos o nascimento virginal, quando relegamos os milagres de Jesus à condição de mitos piedosos, que nos resta? Ficamos segurando o invólucro de um Cristo que é meramente um mestre moral — talvez um mestre a ser distinguido acima de todos os outros grandes pensadores humanos, mas um simples mestre moral, e não um Salvador divino. Ficamos apenas com um filósofo humano que nos salva pelo seu magistral exemplo, e não com um Redentor divino que nos salva por Sua morte vicária.

Por outro lado, podemos manter sólidos conceitos bíblicos sobre a natureza e a obra de Cristo e ainda depreciar Sua posição singular na igreja. Parece haver uma tendência perturbadora dentro do cristianismo que está levando os ministros, quase de roldão, para um culto deveras insidioso — o culto do indivíduo, o culto do olhe-para-mim.

Passeios de automóvel à maior escola dominical da região (com o resultante prestígio do pastor), programações religiosas pela televisão que giram em torno de músicos fascinantes e carismáticas personalidades de pregador, construtores de edifícios de igrejas de muitos milhões de dólares, com vastos empreendimentos e pregadores famosos — tudo isso nos parece ser indicações de um sutil menosprezo de Jesus Cristo, ao mesmo tempo que ostensivamente se procura promover Sua Causa. O Papa João Paulo II merece ser elogiado por sua resoluta tentativa de reduzir a pompa e a ostentação cerimonial tradicionalmente relacionadas com o seu cargo.

Nunca nos esqueçamos de que uma religião de exterioridades é naturalmente atrativa para o coração não convertido. Há um poder sedutor e fascinante em deslumbrantes instalações religiosas que abrigam produções musicais e palestras bem apresentadas. Comparai toda a ostentação e excitação encontradas nalgumas de nossas igrejas com o Cristo humilde, nascido numa manjedoura, criado no lar de um carpinteiro e, finalmente, pregado numa cruz. Quem Ele era e o que Ele fez constituem a principal razão para olharmos para Ele e para ninguém

“Por que tantos jovens chegaram à conclusão de que o cristianismo histórico não pode satisfazer suas necessidades religiosas?”

mais. Não precisou de vestes reais enquanto andou sobre a Terra, pois era Deus em forma humana. Não precisou de agentes publicitários, pois Sua autoridade e poder se achavam manifestamente presentes. Comparai Seu exemplo com o que está ocorrendo em muitas partes do mundo religioso hoje em dia! Afigura-se-nos que há demasiada exibição humana e muito pouco realce do Filho de Deus nas atividades dos ministros de todas as denominações, inclusive a nossa própria.

Em Jonestown, o culto do indivíduo assumiu tais proporções que, segundo consta, Jim Jones gritou para os que davam mais atenção à Bíblia do que a ele: “Olhem para mim, e não para isto!”, arremessando então a Bíblia egotistamente ao chão. Ficamos horrorizados com semelhante conduta. Antes, porém, de menear a cabeça, aconchegar as orlas de nossas vestimentas eclesásticas e apontar o dedo do escárnio para os “cultistas”, talvez devamos certificar-nos de que não estamos desenvolvendo cultos de personalidade em torno de nós mesmos.

Companheiros de pregação, nada deve tomar o lugar de Jesus — nem a reputação, nem a doutrina destituída de Cristo, nem a posição, nem alguma outra coisa! Ellen G. White exorta eloqüentemente:

“Exaltai a Jesus, vós que ensinai o povo, exaltai-O nos sermões, em cânticos, em oração. Que todas as vossas forças convirjam para dirigir ao ‘Cordeiro de Deus’ almas confusas, transviadas, perdidas. Erguei-O, ao ressuscitado Salvador, e dizei a todos quantos ouvem: Vinde Àquele que vos amou, e Se entregou a Si mesmo por nós’. Efés. 5:2. Seja a ciência da salvação o tema central de todo sermão, de todo hino. Seja ele manifestado em toda súplica. Não introduzais em vossas pregações coisa alguma que seja um suplemento a Cristo, a sabedoria e o poder de Deus. Mantende perante o povo a palavra da vida, apresentando Jesus como a esperança do arrependido e a fortaleza de todo crente. Revelai o caminho da paz à alma turbada e acabrunhada, e manifestai a graça e suficiência do Salvador.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 160.

Arqueologia Bíblica . . .

“A vida que Cristo viveu neste mundo podem também viver os homens e as mulheres, por meio do Seu poder e sob Suas instruções. Em seu conflito com Satanás podem eles receber todo auxílio que Cristo tinha. Poderão ser mais do que vencedores por Aquele que os amou e por eles Se entregou.” — *Test. Seletos*, vol. 3, pág. 291.

Arqueologia Bíblica

Depois de Trinta Anos

A obra pioneira nesse sentido foi efetuada por W. F. Albright, o qual em 1937 reuniu pela primeira vez as escassas inscrições hebraicas e aramaicas datadas e elaborou uma paleografia rudimentar desses escritos²¹, que se demonstrou consideravelmente segura à medida que outros materiais datados se tornaram disponíveis em anos posteriores.

Foi essa obra que em 1948 ajudou a atribuir datas aos rolos hebraicos encontrados nas proximidades do Mar Morto. Muitos eruditos, entre eles alguns semitistas eminentes, eram céticos e sugeriram que os rolos do Mar Morto, datados por Albright e seus alunos como pertencendo à era pré-cristã, provinham de uma época muito posterior ou até eram falsificações. No entanto, quando outros rolos de diversas cavernas do deserto da Judéia — alguns deles descobertos por arqueólogos — e mais tarde também de Masada, se tornaram disponíveis, essa situação se alterou radicalmente. Alguns dos rolos encontrados posteriormente continham datas, as quais colocaram a ciência da paleografia hebraica numa sólida base. Dentre os principais que labutaram neste setor encontram-se F. M. Cross²² e S. A. Birnbaum²³, mas muitos outros eruditos também têm prestado contribuições. O resultado é que a disciplina da paleografia hebraico-aramaica tornou-se uma ciência tão bem estabelecida que a qualquer documento, quer seja uma inscrição ou um manuscrito, pode, sem qualquer hesitação, ser atribuída uma data dentro de uma variação de cinquenta anos.

Algumas descobertas interessantes também lançaram inesperada luz sobre uma fase da escrita que só parece estar remotamente relacionada com ela, mas a qual, não obstante, é de grande importância, a saber: a antiguidade da seqüência dos caracteres alfabéticos. Que a seqüência das letras do alfabeto hebraico, da maneira como o conhecemos, remontava ao começo do primeiro milênio A. C. sabia-se há muito tempo. Este fato é confirmado pelos salmos acrósticos na Bíblia, alguns dos quais foram compostos no décimo sé-

Siegfried H. Horn

culo A. C.; e também pelo alfabeto grego, adquirido dos fenícios, certamente não mais tarde do que 800 A. C. Visto que a seqüência das letras tanto do alfabeto fenício como do grego é a mesma, podia-se inferir que a origem do abecedário remontava ao começo do primeiro milênio A. C.

No entanto, ninguém pensava que a origem da seqüência do alfabeto remontava claramente ao tempo da invenção dos diversos sistemas de escrita alfabética, que parecem ter ocorrido nos séculos dezesseis e quinze A. C. Que isto era assim foi primeiramente revelado por uma descoberta feita em 1949, em Ras Shamra, antiga Ugarit, e também por outra descoberta em 'Izbet Sartah, antiga Ebenézer, em 1976.

Durante as escavações de 1949, em Ras Shamra, veio à luz um ladrilho do décimo quarto século A. C., o qual contém todos os caracteres alfabético-cuneiformes ugaríticos na seqüência em que eram decorados e que se evidenciou ser a mesma usada ainda hoje nos dicionários hebraico-aramaicos, 3.500 anos mais tarde.²⁴

Em 'Izbet Sartah foi descoberto um óstraco em 1976, datado por volta de 1200 A. C., o período dos Juízes, o qual contém igualmente o alfabeto hebraico na seqüência conhecida por nós estudantes do hebraico no século vinte. A única divergência consiste na omissão do *mem*, causada provavelmente por um erro de copista, e a transposição das letras *'ayin* e *pe*, no que esse abecedário concorda com a seqüência do alfabeto hebraico encontrada em três composições acrósticas do livro de Lamentações, que tradicionalmente têm sido atribuídas a Jeremias. Afigura-se que o alfabeto hebraico era decorado de dois modos diferentes pelos antigos: segundo uma tradição com a seqüência *pe-'ayin*, e segundo outra tradição com a seqüência *'ayin-pe*.²⁵

O resultado dessas descobertas e estudos é que a origem e o desenvolvimento da escrita alfabética são agora bem conhecidos, e não mais pode haver dúvida de que sistemas de escrita alfabética plenamente desenvolvidos existiram no tempo de Moisés, possibilitando que ele e seus suces-

2ª Parte

sores escrevessem livros numa escrita fácil de aprender. Está igualmente bem estabelecido que esses sistemas de escrita simples, em contraste com as embaraçosas e intrincadas escritas hieroglíficas e cuneiformes do Egito e da Mesopotâmia, alastraram-se rapidamente pela Palestina e pela Síria, possibilitando assim que tais obras religiosas como as que foram preservadas na Bíblia se tornassem "livros dos povos".

3. Descobertas de Textos

Os comentários acerca das notáveis realizações no tocante à história da escrita durante os últimos trinta anos podem servir de introdução para o aumento deveras fenomenal do material textual, escrito em caracteres alfabéticos e composto em diversas línguas semítico-ocidentais, que se tornou disponível em anos recentes. Por exemplo, em 1948 possuíamos cerca de 90 inscrições hebraicas, sem contar sinetes e impressões de sinetes. Essas inscrições consistiam da inscrição do Túnel de Siloé, de duas inscrições de Silwan, ainda não decifradas naquele tempo, do calendário de Gezer sobre uma placa de pedra, e 86 óstracos, 63 dos quais foram encontrados em Samaria e 21 em Laquis, sendo estes últimos considerados uma das mais sensacionais descobertas de inscrições feitas na Palestina durante o período entre as duas guerras mundiais.²⁶ Desde então o ritmo das descobertas de inscrições em hebraico e aramaico acelerou-se consideravelmente, como o demonstram os seguintes exemplos: Além dos rolos do Mar Morto, que serão considerados em separado, os materiais de inscrições hebraicas, principalmente óstracos, foram descobertos em muitos lugares. Arad, por exemplo, produziu mais de 100 óstracos hebraicos e aramaicos, alguns de extraordinária importância. Num deles faz-se alusão a um templo de *Yahweh*, embora não seja claro se é indicado o Templo de Jerusalém ou o templo local de *Yahweh*.²⁷ Em Kuntilat 'Ajrud, uma localidade de uns 50 km ao sul de Cades-Barnéia, no norte do Sinai, foram descobertas em 1975-1976 algumas inscrições egípcias e numerosas inscrições hebraicas do nono ou oitavo século A. C., escritas com tinta em vários utensílios ou entalhadas em utensílios de argila ou pedra. Esse material ainda não foi publicado, mas os relatos preliminares declaram que o nome do Deus de Israel, *Yahweh*, aparece reiteradas vezes.²⁸ Em 1960 veio à luz

Durante as escavações de 1949, em Ras Shamra, veio à luz um ladrilho do décimo quarto século A. C., o qual contém todos os caracteres alfabético-cuneiformes ugaríticos na seqüência em que eram decorados, e que se evidenciou ser a mesma usada ainda hoje nos dicionários hebraico-aramaicicos, 3.500 anos mais tarde.

uma carta de catorze linhas, em Mesad Hashavyahu, dezessete quilômetros ao sudeste de Tel Aviv, escrita no sétimo século A. C., por um pobre trabalhador e dirigida ao governador, na qual é mencionado o sábado.²⁹

Durante as escavações em Masada, foram encontrados manuscritos de couro de livros bíblicos, e não-bíblicos, bem como os óstracos usados como sortes pelos defensores para determinar quem cumpriria o horrendo dever de matar seus compatriotas antes que os romanos tomassem a fortaleza.³⁰ Em Deir 'Alla, no Vale do Jordão, visões e maldições do profeta Balaão, bem como a reação dos destinatários vieram à luz em fragmentos de inscrições no reboco que originalmente cobria uma estela de pedra. Foram escritas num dialeto do aramaico que até então era desconhecido.³¹

Conquanto eu tenha restringido minhas considerações acerca das descobertas feitas durante os últimos trinta anos principalmente à Palestina e à Síria, não quero dar a impressão de que tais descobertas só ocorreram nessas regiões. Permiti-me assinalar mais uma vez o acervo de papiros aramaicos de Elephantine, que apareceu em Nova Iorque, em 1947. Esses papiros, publicados em 1953 por Emil Kraeling, não somente revelaram para nós a natureza do calendário judaico do período posterior ao exílio babilônico, conforme já foi mencionado, mas lançaram também muita luz sobre as condições culturais, legais e sociais dos colonizadores judeus que emigraram para o Egito antes do exílio.³² Outros documentos aramaicos que nos têm ajudado grandemente no estudo do aramaico, uma língua representada nalguns livros do Velho Testamento, são as cartas de Arsames (o sátrapa persa do Egito). Estas foram achadas em 1926, na bolsa original de couro em que haviam sido transportadas, e foram publicadas em 1954 por G. R. Driver.³³ E por último na ordem, mas não em importância, cumpre mencionar os oito papiros encontrados em Hermópolis, em 1945, e publicados em 1966, por E. Bresciani e M. Kamil. Eles fazem alusão ao culto da Rainha do Céu, uma deusa adorada também pelos judeus apóstatas encontrados por Jeremias ao chegar ao Egito (Jer. 44:19).³⁴

Desejo dizer também algumas palavras a respeito de nossa compreensão da língua amonita, que aumentou grandemente durante o período considerado. Embora tivéssemos a Pedra Moabita, a qual contém uma longa ins-

crição de 34 linhas na língua moabita, desde a descoberta desse monumento em 1868, tendo tido, portanto, bom conhecimento da língua moabita por longo tempo, a língua amonita era praticamente desconhecida. Em 1969, quando publiquei a Inscrição da Cidadela de Amã,³⁵ a coleção total de inscrições amonitas consistia de 12 selos, não abrangendo cada um deles, na maioria das vezes, mais de um nome, e uma inscrição em pedra, de 12 caracteres. A coleção de inscrições amonitas passa agora de 40, graças à descoberta de novas inscrições, entre as quais a Inscrição da Cidadela de Amã contém oito linhas incompletas, e a Inscrição da Garrafa de Bronze, de Tell Siran, possui oito linhas completas.³⁶ A Expedição de Heshbon, patrocinada pela Universidade Andrews, também contribuiu para esse aumento do número de documentos amonitas mediante a descoberta de diversos óstracos, um dos quais contém 11 linhas.³⁷ Todo esse material ressuscitou a língua amonita da obscuridade, revelando-nos o lugar que essa língua ocupava na árvore genealógica das línguas semítico-ocidentais.

Antes de pôr de lado o assunto dos textos, não posso deixar de mencionar o grande número de selos e de impressões inscritas em selos, em argila *bullae*, descobertos em anos recentes. Seu número total é de algumas centenas. Os nomes hebraicos mencionados nesses selos e nessas impressões, na maioria dos casos, correspondem a nomes bíblicos, embora quase nunca possamos estar certos de que tais selos pertenciam aos verdadeiros personagens bíblicos que usavam esses nomes. As exceções são provavelmente os selos de "Manassés, o filho do rei"³⁸ e "Jeoacaz, filho do rei"³⁹; estes pertenciam provavelmente a Manassés, filho de Ezequias, e a Jeoacaz, filho do rei Josias, quando esses possuidores dos dois selos ainda eram príncipes herdeiros, antes de ascenderem ao trono. Um selo que é quase certo ter pertencido a um indivíduo muito conhecido na Bíblia é o selo ainda não publicado, de "Baruque, filho de Nerias", que foi o secretário do profeta Jeremias (Jer. 36:4 e 32; 45:1).

4. Rolos do Mar Morto

Em rigor, a consideração dos rolos do Mar Morto pertence à categoria dos "Textos", já descritos. Entretanto, visto que a descoberta desses rolos na região desértica da parte oriental da judéia tem sido tão sensacional e revo-

Durante as escavações em Masada, foram encontrados manuscritos de couro de livros bíblicos e não-bíblicos, bem como os óstracos usados como sortes pelos defensores para determinar quem cumpriria o horrendo dever de matar seus compatriotas antes que os romanos tomassem a fortaleza.

lucionou e aumentou nossa compreensão do judaísmo durante o período intertestamentário, resultando além disso na colocação da disciplina da crítica textual do Velho Testamento Hebraico, que quase não existira antes de 1948, sobre um firme fundamento, esses rolos merecem um acolhimento especial neste estudo.

Não me alongarei sobre a história das descobertas, que é bastante conhecida⁴⁰, mas apresentarei sucintamente a quantidade de material de texto que chegou às mãos dos eruditos, das cavernas e vales da Judéia oriental.

1. A primeira caverna de Qumran foi descoberta em 1947, e a notícia dessa descoberta propagou-se pelo mundo um ano mais tarde — o ano que escolhi como data inicial para este estudo. Nos anos subseqüentes, até 1956, foram descobertas dez outras cavernas nas proximidades de Qumran, que continham fragmentos de pergaminhos. Um dos rolos era completo: o agora famoso exemplar de Isaías, da Caverna I. Outros quase eram completos, como alguns rolos das Cavernas I e 11, ou chegaram às mãos dos eruditos na forma de grandes ou pequenos fragmentos, que nalguns casos puderam ser juntados, provendo grandes partes de obras literárias ou de outros documentos. A simples quantidade do material fragmentário é considerável. A Caverna 4, por exemplo, produziu 35.000 fragmentos de rolos provenientes de mais de 400 manuscritos. Com exceção de alguns rolos da Caverna 11 e da maioria dos materiais da Caverna 4, que ainda não foram publicados, os textos das cavernas de Qumran se acham disponíveis em forma publicada.⁴¹ Esses rolos, todos eles produzidos antes do fim da primeira guerra judaico-romana (66-73 A. D.), contêm amostras de todos os livros do Velho Testamento Hebraico, com exceção do livro de Ester, bem como grande número de escritos judaicos não canônicos, entre os quais há algumas obras apócrifas e pseudopígrafas já conhecidas quando foram descobertos os rolos, mas em grande parte consistem de obras literárias que anteriormente não eram conhecidas.⁴²

2. Em 1951, as cavernas de Wadi Murabba'at, ao leste de Belém da Judéia, produziram materiais de rolos do segundo século A. D., entre os quais havia um grande pedaço de um rolo dos Profetas Menores e documentos pertencentes à revolta de Bar-Coqueba contra os romanos. Este material foi publicado em 1961.⁴³

3. Em Nahal Hever, ao sudoeste de Engedi, foi descoberta uma caverna em 1961, a qual também continha grande número de documentos do segundo século A. C., deixados pelos judeus que haviam fugido para o deserto durante a revolta de Bar-Coqueba. Além de muitos documentos seculares em hebraico, havia alguns papíros escritos em caracteres nabataeanos, bem como fragmentos de livros bíblicos. Até agora só foram publicadas algumas amostras desse material.⁴⁴

4. Materiais de textos também foram encontrados durante as escavações de Masada, em 1963 e 1964, conforme já foi mencionado. Esses materiais, que precedem a queda da fortaleza em 73 A. D., só foram publicados até agora em forma preliminar.⁴⁵

5. No inacessível Wadi Daliyeh, ao noroeste de Jericó, foram descobertos em 1962 alguns rolos samaritanos do quarto século A. C. São documentos seculares que, além de proverem outras informações, nos permitem restabelecer a sucessão dos governadores de Samaria desde o tempo de Neemias até Alexandre, o Grande. Os próprios documentos ainda não foram publicados, mas sumários de seu conteúdo se acham disponíveis.⁴⁶

Quais são os resultados de todas essas fenomenais descobertas de textos efetuadas durante os últimos trinta anos, no Deserto da Judéia?

1. Os rolos proveram amostras de livros da Bíblia Hebraica que se originaram durante o período da história judaica em que o texto bíblico ainda era instável, a saber: antes do Concílio de Jamnia, por volta do fim do primeiro século A. D. Mas também contém amostras de livros bíblicos copiados depois de Jamnia. Conquanto nosso conhecimento tanto do processo de coligir, editar e copiar os escritos sagrados, como do processo da canonização da Bíblia Hebraica, ainda esteja longe de ser completo, alguns desses textos hebraicos — que são mil e tantos anos mais velhos que os textos mais antigos que tínhamos em 1948 — aumentaram incomensuravelmente nossa compreensão do que aconteceu com o texto hebraico antes da era massorética; eles têm mostrado que o texto passou por muito menos modificações do que se julgava possível antes dessas cópias antigas se tornarem disponíveis.⁴⁷ O resultado é que o texto da Bíblia Hebraica é encerado hoje com maior respeito pelos eruditos do que sucedeu durante longo tempo.

Por outro lado, o testemunho dos rolos não apóia as afirmações dos funda-

A primeira caverna de Qumran foi descoberta em 1947, e a notícia dessa descoberta propagou-se pelo mundo um ano mais tarde.

mentalistas que crêem em inspiração verbal e numa transmissão servil e inalterável do texto através dos séculos, pois revela claramente que diferentes revisões de livros bíblicos estavam em circulação antes de Jamnia e que escribas da era pré-Jamnia sentiram-se livres para modernizar o texto ao copiarem-no. Isto se aplica não somente a modificações na grafia e na escolha de sinónimos mais modernos em lugar de palavras obsoletas e de formas gramaticais e expressões antiquadas, mas também, nalguns casos, de alterações do texto que aos escribas parecia necessitar de esclarecimento a fim de tornar o sentido mais significativo.

2. Os rolos, juntamente com os resultados das escavações em Khirbet Qumran, ressuscitaram a seita judaica dos Essênios, a cujo respeito muito pouco se conhecia em 1948. As escassas informações que possuíamos naquele tempo se baseavam em declarações feitas por Josefo, Filo, Plínio, o Velho, e Dio de Prusa, mas a seita não é mencionada na Bíblia, e toda a sua literatura se desvanecera, até emergir das cavernas de Qumran em anos recentes.⁴⁸

3. Conquanto os eruditos bíblicos estejam principalmente interessados nos rolos que são de natureza bíblica, não deve ser olvidado que as cavernas de Qumran nos proporcionaram uma abundância de literatura judaica que, em sua maioria, era desconhecida anteriormente. Embora a maior parte dessa literatura provenha de uma seita judaica — os Essênios — ela demonstra o fato de que no tempo de Jesus e dos apóstolos deve ter existido uma literatura imensamente rica — religiosa, histórica e de natureza literária — que agora em grande parte se acha perdida.

4. As cavernas do deserto da Judéia proveram documentos originais acerca da revolta de Bar-Coqueba e da resultante segunda guerra dos judeus contra os romanos. Conhecia-se muito pouco sobre essa guerra, pois não restava nenhuma história a seu respeito, ao passo que se conhece muita coisa sobre a primeira guerra judaico-romana pelos extensos escritos do historiador Josefo, cujas obras ainda existem. Estas observações sobre os rolos do Mar Morto só tocam de leve na maior de todas as descobertas já feitas no âmbito da arqueologia bíblica, mas dão uma idéia de quantos benefícios provieram desses rolos. Essas descobertas produziram uma disciplina completamente nova de estudos bíblicos, suscitaram a produção de milhares de

artigos e centenas de livros, cuja bibliografia enche diversos volumes⁴⁹, e resultaram na fundação de uma revista erudita — *Revue de Qumran* — inteiramente dedicada a essa disciplina. Nem os teólogos nem os eruditos bíblicos podem deixar de levar em consideração os abundantes resultados das informações que o estudo dos rolos tem provido, num fluxo constante, durante as três últimas décadas.

5. Ebla e a Época dos Patriarcas

As descobertas efetuadas durante os anos que decorreram entre as duas guerras mundiais trouxeram à luz tantas evidências elucidativas do tempo e da época dos patriarcas, parecendo confirmar também a historicidade intrínseca dos relatos patriarcais, que Albright pôde dizer em 1950: "Quase não há um só historiador bíblico que não tenha ficado impressionado com o rápido acúmulo de dados apoiando a historicidade substancial da tradição patriarcal."⁵⁰

No entanto, em anos recentes têm sido feitos novos ataques à historicidade dos relatos patriarcais, que se assemelham em certo sentido ao apogeu do Wellhausenismo.⁵¹ Precisamente quando os eruditos bíblicos, reagindo a esses novos ataques, reexaminaram os fundamentos e aguçaram suas armas para uma defesa dos patriarcas, o auxílio veio de um lugar inteiramente inesperado: Ebla. Quem dentre os historiadores bíblicos já ouvira falar desse nome antes de 1976, quando apareceram os primeiros relatos de algumas descobertas sensacionais feitas numa antiga cidade da Síria? E, agora, apenas, três anos mais tarde, Ebla tornou-se uma palavra familiar e é tão bem conhecida entre os eruditos bíblicos e os ministros como Qumran ou Ras Shamra-Ugarit.

Na realidade, é muito cedo para avaliar as descobertas feitas em Tell Mardikh, antiga Ebla, onde, segundo consta, vieram à luz 20.000 ladrilhos cuneiformes durante as quatro últimas temporadas de excavações — de 1974 a 1977. Esta descoberta tem sido classificada diferentemente como o mais sensacional achado já efetuado no âmbito da arqueologia bíblica ou como a maior descoberta desde que foram encontrados os rolos do Mar Morto. Entretanto, cumpre proferir também uma palavra de advertência. Visto que ainda não foi publicado nenhum desses ladrilhos, dependemos inteiramente dos poucos artigos do escavador, Paolo

No inacessível Wadi Daliyeh, ao noroeste de Jericó, foram descobertos em 1962 alguns rolos samaritanos do quarto século A. C. São documentos seculares que, além de proverem outras informações, nos permitem restabelecer a sucessão dos governadores de Samaria.

Matthiae, e do epigrafista, Giovanni Pettinato.⁵² Outras informações provêm de homens que estiveram em estreito contato com o escavador e o epigrafista. Um dos principais entre eles é David Noel Freedman, o editor de *Biblical Archeologist*.⁵³ Dos artigos escritos por esses homens, aprendemos que foi descoberto um grande arquivo estatal da segunda metade do terceiro milênio A. C., e que, embora os ladrilhos tenham sido escritos na escrita sumeriana cuneiforme, a língua de muitos dos documentos é paleocananeia, a precursora do hebraico.

É-nos declarado que o eblaíta, como é denominada a nova língua, está mais estreitamente relacionado com o hebraico bíblico do que a línguaugarítica; que entre os ladrilhos há textos literários que contêm a versão cananeia da história da Criação e do Dilúvio; e também que eles contêm uma coleção de leis cananeias. Além disso, nos é dito que alguns reis de Ebla dominaram sobre um império que se estendia do Mar Mediterrâneo ao Golfo Persa, que sua capital tinha 260.000 habitantes, e que seu serviço civil consistia de 11.000 empregados. Também nos é declarado que o arquivo revela que os reis de Ebla mantinham relações comerciais com a maior parte do mundo conhecido de seu tempo, desde o Egito, no Sul, até à Mesopotâmia, no Norte e Leste, e que os nomes de muitas cidades da Palestina ocorrem entre os 5.000 nomes de cidades encontrados até agora nos ladrilhos. Entre eles há cidades bíblicas muito conhecidas, como Hazor, Laquis, Megido, Gaza, Dor, Jope, Asdode, Aco, Astarote e Salém (o nome de Jerusalém durante o período patriarcal — Gên. 14:18). Além disso, é-nos declarado que um dos seis reis de Ebla usava o nome Ebrum, no qual reconhecemos o nome bíblico Éber, usado por um dos antepassados de Abraão (Gên. 10:21), ao passo que muitos nomes pessoais que aparecem nos documentos têm um bom aspecto bíblico: Miguel, Abrão, Israel, Ismael, Micaías, Esaú, Saul e Davi.

A maior surpresa ocorreu quando se relatou que as cidades de Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Belá, também chamadas "Cidades da Planície", eram mencionadas num ladrilho de Ebla (nº 1860), na mesma ordem que em Gên. 14:2. Nada poderia ter causado maior sensação do que este anúncio; e, quanto a mim, estou aguardando ansiosamente a publicação, a fim de ver por mim mesmo em que contexto são mencionadas essas cida-

des. Em vista dessa descoberta, com sua relação com Gênesis 14, desejo citar as palavras de Albright, o qual, depois de ver que cada vez se tornavam disponíveis mais dados que lançavam luz sobre a época patriarcal, por estarem admiravelmente em harmonia com as informações bíblicas, escreveu em 1936: "Gênesis 14 era considerado pelos eruditos mais cautelosos como não histórico, . . . [mas] agora somos mais moderados."⁵⁴ Quando Albright reeditou esse artigo dezanove anos mais tarde, em 1955, ele alterou essa frase, dando-lhe um aspecto ainda mais positivo: "Gênesis 14 não mais pode ser considerado como não histórico, em vista das numerosas confirmações de pormenores que devemos a descobertas recentes."⁵⁵ Pergunto a mim mesmo o que Albright diria agora, se houvesse vivido até inteirar-se das descobertas feitas em Ebla.

As datas da origem dos ladrilhos de Ebla são também ainda um tanto incertas. O arqueólogo Mattiae data os ladrilhos, com base em evidências arqueológicas e estratigráficas, entre 2400 e 2250 A. C., mas Pettinato, o epigrafista, com base em evidências epigráficas, data o arquivo mais de um século antes, isto é, entre 2580 e 2450 A. C. Agora vem a notícia de que recentemente foi descoberta em Ebla a impressão de um selo do rei Egípcio Pepi I. Se esse relato for confirmado, ele será mais favorável à datação do arquivo feito por Mattiae, do que à de Pettinato.⁵⁶

O leitor não pode deixar de notar que as considerações das descobertas feitas em Ebla são mais curtas do que as considerações dos outros assuntos apresentados neste estudo, e estes comentários, conquanto sejam feitos num tom de cauteloso otimismo e mesmo de entusiasmo, se acham no entanto entremeados de pontos de interrogação e expressões de incerteza. A razão para esta falta de certeza é o fato de que as descobertas são ainda demasiado recentes, não tendo havido, conseqüentemente, tempo suficiente para serem examinadas e classificadas. Os textos ainda não foram publicados, conforme já dissemos, com o resultado de que todas as informações que temos a seu respeito se baseiam nos poucos artigos desses eruditos que têm visto os ladrilhos e lidado com eles. Cumpre reconhecer que esses eruditos precisam realizar esse trabalho além de cumprir seus deveres universitários regulares, com o resultado de que só têm conseguido passar os olhos nos la-

Em 1951, as cavernas de Wadi Murabba'at, ao leste de Belém da Judéia, produziram materiais de rolo do segundo século A. D., entre os quais havia um grande pedaço de um rolo dos Profetas Menores e documentos pertencentes à revolta de Bar-Coqueba contra os romanos. Este material foi publicado em 1961.

drilhos de Ebla, sem disporem do tempo necessário para estudá-los meticulosamente.

O considerável volume do material descoberto nos adverte de que não devemos ter esperanças muito elevadas com respeito à rápida publicação do arquivo, embora esperemos sinceramente que os ladrilhos mais importantes logo se tornem acessíveis ao mundo erudito, para minucioso escrutínio. É motivo de satisfação saber que foi constituída uma comissão internacional de peritos, com a incumbência de lidar com esses ladrilhos. Surge assim a expectativa de que esses textos sejam estudados e publicados mais depressa do que se apenas um par de olhos lidasse com os milhares de ladrilhos que repentinamente foram lançados no regaço do epigrafista Pettinato.

Escavações de Localidades Bíblicas

Só posso fazer justiça a este assunto de maneira muito restrita, apresentando os resultados das escavações de apenas alguns lugares-chave, visto que o número de cidades bíblicas escavadas a leste e oeste do rio Jordão é enorme. Recentemente fiz um cálculo e descobri que, além de numerosas explorações arqueológicas menos importantes, 76 grandes expedições arqueológicas labutaram na Terra Santa desde a Segunda Guerra Mundial. Restringirei, portanto, minha breve sinopse a algumas localidades, recomendando que no tocante às outras sejam consultados os quatro volumes da *Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land* ("Enciclopédia de Escavações Arqueológicas na Terra Santa").⁵⁷

1. *Jericó*. Quando começou o período que estamos considerando, ainda estávamos sob a ilusão de que João Garstang, durante suas escavações na década de 1930, descobrira os muros de Jericó que haviam ruído no tempo de Josué. Essa interpretação errônea das evidências foi rudemente destruída pelas novas escavações de Kathleen Kenyon levadas a efeito em Jericó entre 1952 e 1958. Na realidade, ela descobriu que os muros destruídos por um terremoto e interpretados por Garstang como pertencendo aos últimos tempos da Idade do Bronze caíram realmente muitos séculos antes da época de Josué, a saber: no princípio da Idade do Bronze. Para surpresa de todos, ela não conseguiu encontrar quase nada da cidade que existiu na parte final da Idade do Bronze, quando foi destruída pelos israelitas, e chegou à conclu-

são de que as forças naturais e humanas devem ter obliterado quase todos os vestígios dessa cidade. Seu trabalho mostrou, porém, que Jericó era a mais antiga cidade habitada e fortificada a ser submetida a escavações. A forte torre de tempos neolíticos, descoberta por ela, foi construída quando ainda não se inventara a cerâmica.

As escavações realizadas intermitentemente nas ruínas da Jericó do Novo Testamento, por outras expedições, a partir de 1950, desvendaram os destroços do amplo e luxuoso palácio de Herodes, o Grande, que morreu ali.⁵⁸

2. *Bab edh-Dhra*. Esta localidade, situada na península Lisan, no Mar Morto, foi descoberta em 1924, mas as escavações só foram efetuadas em 1965, quando Paulo Lapp iniciou o primeiro de seus três períodos. Em 1975 Walter Rast e Tomás Schaub reencontraram as escavações. A antiga cidade floresceu no começo da Idade do Bronze, quando ela e a região adjacente eram densamente habitadas, segundo foi revelado pelo cemitério, um dos maiores já descobertos na Palestina. Lapp calculou que ele continha cerca de 20.000 túmulos, em que foram sepultadas umas 500.000 pessoas, junto com uns três milhões de vasos e outros objetos de cerâmica.

(*Continua*)

Em Nahal Hever, ao sudoeste de Engedi, foi descoberta uma caverna em 1961, a qual também continha grande número de documentos do segundo século A. C., deixados pelos judeus que haviam fugido para o deserto durante a revolta de Bar-Coqueba.

Quando me chegaram às mãos as provas deste artigo, eu havia sido informado de uma nova e mui significativa descoberta feita em Kuntilat 'Ajrud. Uma inscrição em caracteres hebraicos numa grande jarra de conserva contém um texto que diz em parte: "Ojalá sejas abençoado por Yahweh e por sua Asherah" (BAR 4:3 [set/out. 1978]: 43). É demasiado cedo para dizer muita coisa sobre esse texto até que lhe seja dado estudo adicional, embora reconhecamos que ele tem importantes implicações. De numerosas passagens bíblicas sabemos que a religião cananéia influenciou consideravelmente o pensamento religioso dos israelitas e que com frequência eram adotados conceitos e práticas religiosas dos cananeus. Na literatura mitológica cananéia de Ras Shamra, *Asherah* amíude é mencionada como consorte de El, o deus principal. Não é de admirar, portanto, que israelitas apóstatas às vezes também considerassem *Asherah* como consorte de *Yahweh*, seu Deus. Esse texto é uma ilustração de uma tendência contra a qual os profetas que viveram antes do exílio babilônico batalharam constantemente: o politeísmo e a idolatria.

29. J. Neveh, "Uma Carta Hebraica do Sétimo Século A. C.", *IEJ* 10 (1960): 129-139, Albright, em *Ancient Near East Texts*, 2ª ed. (1969), pag. 568.

30. Yigael Yadin, "A Escavação de Masada — 1963/64, Relatório Preliminar", *YEJ* 15 (1965): 103-114.

31. Jacob Hoftijzer, "O Profeta Balaão Numa Inscrição Aramaica do 6º Século", *BA* 39 (1976): 11-17. Na publicação final dessa inscrição, o co-autor de Hoftijzer, G. van der Kooij, elevou a data para cerca de 700 A. C. Ver *Aramaic Texts from Deir 'Alla* (Leiden, 1976), pag. 96.

32. Ver nº 13.

33. *Aramaic Documents of the Fifth Century B. C.* (Oxford, 1954).

34. "Le lettere aramaiche di Hemopoli", *Atti della Accademia Nazionale dei Lincei*; *Classi di scienze morali storiche e filologiche*, série 8, *memorie* vol. 12, fasc. 51 (1966), págs. 357-428.

35. Horn, "A Inscrição da Cidadela de Amã", *BASOR* 193 (fev. 1969): 2-13.

36. Henry O. Thompson e Fawzi Zayadine, "A Inscrição de Tell Siran", *BASOR* 212 (dez. 1973): 5-11.

37. Cross, "Óstracos Amonitas de Heshbon", *Andrews University Seminary Studies* 13 (1975): 1-20.

38. Nahman Avigad, "Um Selo de Manassés, o Filho do Rei", *IEJ* 13 (1963): 133-136.

39. Avigad, "Um Grupo de Selos Hebraicos", *Eretz Israel* 9 (1969): 134.

40. A história das descobertas dos rolos do Mar Morto foi contada em muitos livros. Os seguintes relatos foram escritos por homens diretamente envolvidos na descoberta e aquisição dos rolos: Millar Burrows, *The Dead Sea Scrolls* (Nova Iorque, 1955), págs. 3-68; *Idem*, *More Light on the Dead Sea Scrolls* (Nova Iorque, 1957), págs. 15-52; Athanasius Yeshue Samuel, *Treasure of Qumran, My Story of the Dead Sea Scrolls* (Filadélfia, 1966); Johns C. Trever, *The Untold Story of Qumran* (Westwood, N. J., 1965).

41. O material dos rolos da Caverna I foi publicado por Burrows, John C. Trever e William H. Brownlee, *The Dead Sea Scrolls of St. Mark's Monastery*, 2 vols. (New Haven, Conn., 1950, 1951); E. L. Sukenik, *The Dead Sea Scrolls of the Hebrew University* (Jerusalém, 1955); D. Barthélemy e J. T. Milik, *Discoveries in the Judean Desert. I. Qumran Cave I* (Oxford, 1955); Avigad e Yadin, *A Genesis Apocryphon* (Jerusalém, 1956).

O material dos rolos das Cavernas 2, 3 e 5-10 foi publicado por M. Baillet, J. T. Milik e R. de Vaux, *Discoveries in the Judean Desert of Jordan. III: Les Petites Grottes de Qumran* (Oxford, 1962).

42. Ver Cross, *The Ancient Library of Qumran and Modern Biblical Studies* (Garden City, Nova Iorque, 1976), págs. 120-190.

43. P. Benoit, J. T. Milik e R. de Vaux, *Discoveries in the Judean Desert, II. Les Grottes de Murabbd' et* (Oxford, 1961).

44. Yadin, "A Expedição ao Deserto de Judéia, 1960, Expedição D", *IEJ* II (1961): 40-52; *Idem*, "A Expedição ao Deserto da Judéia, (1961), Expedição D — A Caverna das Cartas" *IEJ* 12 (1962): 227-257.

45. Ver nº 30.

46. Cross, "A Descoberta dos Papíros de Samaria", *BA* 26 (1963): 110-121; *Idem*, "Papíros do 4º Século A. C., de Daliyeh", em *New Directions in Biblical Archaeology* (Garden City, Nova Iorque, 1969), págs. 63-79; Paul W. Lapp, "Beduino Encontra Papíros Três Séculos Mais Velhos do que os Rolos do Mar Morto", *BAR* 4:1 (mar. 1978): 16-24; Cross, "A Importância Histórica dos Papíros de Samaria", *Idem*, págs. 25-27.

47. Ver os documentos de Patrick W. Skehan, J. A. Sanders e D. N. Freedman, *New Directions*, págs. 89-138.

48. Cross, *The Ancient Library of Qumran*, págs. 146-180; J. Murphy-O'Connor, "Os Essênios e Sua História", *Revue Biblique* 81 (1974): 215-244; Murphy-O'Connor, "Os Essênios na Palestina", *BA* 40 (1977): 100-124.

49. Christoph Burchard, *Bibliographie zu den Handschriften von Toten Meer*, 2 vols. (Berlim, 1957, 1965).

21. Albright, "Um Fragmento Bíblico da Época dos Macabeus: O Papiro Nash", *Journal of Biblical Literature* (doravante citado como JBL) 56 (1937): 145-176.

22. De seus muitos estudos paleográficos, ver especialmente: "O Desenvolvimento dos Escritos Judaicos", em *The Bible and the Ancient Near East. Essays in Honor of William Foxwell Albright* (Garden City, Nova Iorque, 1961), págs. 133-202.

23. Solomon A. Birnbaum, *The Hebrew Scripts*, 2 vols. (Londres, 1954-1957; Leiden, 1971).

24. Albright, "Algumas Importantes Descobertas Recentes: Origens Alfabéticas e a Estátua Idrimi", *BASOR* 118 (abr. 1950): 12-14; Cyrus H. Gordon, "O 'ABC' Ugarítico", *Orientalia* 19 (1950): 374-376; E. A. Speisser, "Uma Nota Sobre as Origens Alfabéticas", *BASOR* 121 (fev. 1951): 17-21.

25. Moshe Kochavi, "Um Óstraco do Período dos Juizes, de 'Izbet Sartah'", *Tel Aviv* 4 (1977): 1-13; Aaron Demsky, "Uma Datação do Alfabético Proto-Cananeu do Período dos Juizes e Suas Implicações Para a História do Alfabético", *Idem*, págs. 14-27. O último contém uma boa bibliografia sobre a História do Alfabético, nas págs. 25-27.

26. Todo o material de inscrições hebraicas até 1934 foi publicado por David Deringer, *Le Inscrizioni antichebraiche palestinesi* (Florença, 1934), complementado em 1951 por Sabatino Moscati, *L'epigrafia ebraica antica* (Roma, 1951).

27. A coleção completa dos óstracos de Arad só foi publicada até agora em hebraico, por Yohanan Aharoni: *Arad Inscriptions* (Jerusalém, 1975). No entanto, muitos dos importantes óstracos apareceram nos seguintes artigos em inglês escritos por Aharoni: "Óstracos Hebraicos de Tel Arad", *Israel Exploration Journal* (doravante citado como IEJ) 14 (1964): 1-7; "Arad. Suas Inscricões e seu Templo", *Biblical Archaeologist* (doravante citado como BA) 31 (1968): 2-32; "Três Óstracos de Arad", *BASOR* 197 (fev. 1970): 16-42.

28. Ze'ev Meshel, "Kuntilat 'Ajrud", *IEJ* 27 (1977): 52 e 53; Suzanne Singer, "Acervo de Inscricões Hebraicas e Fenícias Encontradas no Deserto", *Biblical Archaeology Review* (doravante citada como BAR) 2:1 (mar. 1976): 33 e 34; Ze'ev Meshel e Carol Meyers, "O Nome de Deus no Deserto de Zin", *BA* 39 (1976): 6-10; 40 (1977), chapas coloridas A e B, de frente à pag. 66.

abrangendo as publicações de 1948 a 1962, W. S. LaSor, *Bibliography of the Dead Sea Scrolls 1948-1957* (Pasadena, Calif., 1958); B. Jongeling, *A Classified Bibliography of the Finds in the Desert of Judah, 1954-1969* (Leiden, 1971); J. A. Fitzmyer, *The Dead Sea Scrolls: Major Publications and Tools for Study* (Missoula, Mont., 1975). *A Revue de Qumran* apresentou bibliografias em todo número, desde que começou a ser publicada, em 1958.

50. Albright, *The Biblical Period* (Pittsburg, Pa., 1950), pág. 3.

51. Thomas L. Thompson, *The Historicity of the Patriarchal Narratives* (Berlim, 1974); John Van Seters, *Abraham in History and Tradition* (New Haven, Conn., 1975).

52. Paolo Matthiae, "Ebla no Fim do Primeiro Período Sírio: O Palácio Real e os Arquivos Estatais", *BA* 39 (1976): 94-113; Giovanni Pettinato, "Os Arquivos Reais de Tell Mardikh-Ebla", *Idem*, págs. 44-52.

Materiais de textos também foram encontrados durante as escavações de Masada, em 1963 e 1964, conforme já foi mencionado. Esses materiais, que precedem a queda da fortaleza em 73 A. D., só foram publicados até agora em forma preliminar.

Paul C. Maloney, "Avaliando Ebla", *BAR* 4 (mar. 1978): 4-10.

54. Albright, "Descobertas Recentes em Terras Bíblicas", em *Analytical Concordance to the Bible*, de R. Young (Nova Iorque, 1956), suplemento, pág. 27.

55. Albright, *Recent Discoveries in Bible Lands* (Pittsburgh, Pa., 1955), pág. 75.

56. Maloney, pág. 7.

53. Freedman "Carta aos Leitores", *BA* 40 (1977): 2-4.

57. Editada por Michael Avi-Yonah e Efraim Stern, essa obra (doravante citada como *EAEHL*) é publicada pela Sociedade de Exploração, em Jerusalém. Os volumes I-IV foram publicados de 1975 a 1978. Os artigos individuais foram escritos por notáveis arqueólogos, que na maioria dos casos foram os escavadores das próprias localidades, e estão acompanhados de boas bibliografias e ilustrações.

58. Kathleen M. Kenyon, G. Foerster e Gabriella Bacchi, "Jericó", *EAEHL* 2:550-575.

Desenvolvimento da Doutrina Milenialista

O assunto do Milênio constitui um dos ensinamentos mais controversos e, ao mesmo tempo, mais impressionantes da igreja. Esse vocábulo não se encontra na Bíblia, mas encerra uma importante doutrina que data do período intertestamentário, quando os judeus esperavam a derrota de seus inimigos mediante a intervenção de acontecimentos de dimensões apocalípticas. O conceito etimológico da palavra faz alusão ao espaço de mil anos (do latim *mille-annum*). Os seguidores desse ensino eram conhecidos pelo nome de "quiliastas" (do grego *xilio*: "mil"), entre os membros da Igreja do Oriente, desde a primeira metade do primeiro século.

O uso constante desse termo deu à palavra uma aplicação restrita, mas sempre procurando dirigir o pensamento para a esperança, comumente aceita, de um período no qual viria o reino hegemônico de Davi, na pessoa do Messias, para submeter todas as nações e restituir a Israel o cetro do mundo. Então Jerusalém tornar-se-ia a capital do mundo e o lugar onde todos os homens passariam a conhecer a Deus.

Cumpre perguntar: De onde obtiveram os judeus tais asseverações? ou melhor: Qual é a origem dessa doutrina milenária? Havia uma tradição judaica muito popular no primeiro século da era cristã, a qual afirmava que os "seis dias empregados na criação do mundo são símbolos, cada um, de mil anos, e o descanso do sétimo, uma

Ramón Araújo C.
Do Departamento de Religião do Colégio Adventista Dominicano

figura do milênio sabático do mundo".¹

Este ensino se apoiava com um grande sentimento de entusiasmo e confiança na breve vinda do Messias, pouco depois do cativo em Babilônia, e, embora a noção dessa crença se encontrasse também entre os ensinamentos "dos caldeus e dos egípcios"², sua primeira fonte de inspiração foi extraída da Sagrada Escritura (Gên. 2:3; Exo. 20:8-11; Lev. 25:1-7).

Até o tempo em que a nação judaica se manteve separada de interferências estrangeiras, o ensino do milênio abrangia um belo quadro do reino de Davi, com o cumprimento de todas as bem-aventuranças prometidas a Israel. Mas quando perderam seus direitos como nação, o Messias do reino foi transformado num comandante belicoso que viria esmagar os inimigos e restaurar o domínio mundial de Israel sobre as nações. Foi esta a interpretação que prevaleceu pouco antes do primeiro século da era cristã.

Vemos assim como os judeus proferiram o ambiente escatológico da doutrina que foi abraçada com ligeiras modificações por muitos cristãos, desde a era apostólica.

A Posição dos Cristãos do Primeiro Século

É mister levar em conta que, no princípio da era apostólica, não havia acentuadas diferenças entre os conceitos teológicos defendidos pelos judeus e pelos cristãos. Era um lento processo mudar completamente a mentali-

dade dos judeus que aceitavam o cristianismo conservando muitas de suas antigas tradições e, em especial, as que não entravam em aberto conflito com sua nova crença. Assim, o cristão milenialista é o mesmo judeu milenialista, com uma posição teológica firmada mais sobre a segunda que sobre a primeira vinda de Cristo. Por isso proclamava que havia duas ressurreições e um milênio intermediário como prelúdio do eterno reino celestial.

Imediatamente após a disseminação da fé cristã, deparamos com destacados escritores cristãos que usaram a doutrina do milênio como meio de esperança e consolo para aqueles que sofriam perseguições, perdiam seus bens ou, em último caso, perdiam sua vida. Barnabé, o qual "escreveu muito antes que João, o apóstolo"³, é considerado como um dos primeiros expositores do milenialismo. Em sua concepção prevalece o tema judaico dos seis mil anos, sendo usada, possivelmente em termos literais, a declaração do Salmo 90:4 e a nova esperança messiânica "que porá fim ao tempo do anticristo, mudará o Sol, a Lua e as estrelas, e reinará gloriosamente no sétimo dia"⁴, ou seja, no sétimo milênio.

Decadência do Conceito Judaico

Papias, o qual, segundo sua própria declaração, era discípulo do apóstolo João, escreveu um documento intitulado: "A Segunda Vinda de Nosso Senhor ou Milênio", onde já se torna visível a separação do ponto de vista puramente judaico e a virtual preferência pelo ensino segundo o livro do Apocalipse. Dessa maneira, Papias representa a última manifestação do pensamento judaico-cristão a envolver essa doutrina.

Por outro lado, em Justino Mártir, contemporâneo de Papias, se destaca a transição definitiva da antiga posição judaica para a nova interpretação cristã. Seu ensino acerca da "parousia" abrangia um série de declarações que colocam a vinda de Cristo numa época muito posterior a seu tempo. Seus pronunciamentos constituem uma porta aberta para o estabelecimento definitivo da correta interpretação bíblica.

Justino localiza o milênio no fim da história humana. Antes dessa ocasião, é necessário que se cumpra a predição bíblica contra o homem do pecado, "que proferirá blasfêmias contra Deus e reinará três anos e meio (uma alusão ao período de Daniel 7:25). Manifestar-se-ão as heresias dos falsos profe-

Dentro do corpo doutrinário da igreja hoje em dia, o milênio constitui um elemento básico na predição dos eventos escatológicos.

tas; Cristo virá ressuscitar os piedosos e depois virá o milênio"⁴.

Entre os escritores cristãos da época pós-apostólica, aparecem várias posições, segundo ia diminuindo o apego ao texto bíblico e, como é natural, em conflito com a interpretação aceita pelos cristãos ortodoxos.

Agostinho, de Hipona, por exemplo, ensinava que o período do milênio se iniciou com a primeira vinda de Cristo e "continuará até a segunda vinda"⁵, afirmação que foi adotada pela Igreja até ser modificada pelo premilenialismo medieval que estabelecia a completa instauração do reino no fim dos mil anos.

Enfoque Teológico do Século XIX

Como a igreja cristã do primeiro século abraçou a doutrina com todos os seus antecedentes judaicos, sua verdadeira interpretação só foi conhecida depois de sérias controvérsias teológicas.

Não obstante, foi ao século dezenove que coube a satisfação de fixar a interpretação mais sensível ao ensino bíblico do milênio. Enquanto a escola milenialista voltava ao conceito judaico, os adventistas, guiados por Guilherme Miller, descobriam que Abraão, Isaque e Jacó, com todos os judeus e gentios que abraçaram a fé em Cristo, estarão juntos para gozar da herança eterna, no fim, em vez de possuir a terra de Canaã por mil anos"⁶.

Dentro do corpo doutrinário da igreja hoje em dia, o milênio constitui um elemento básico na predição dos eventos escatológicos. O que está envolvido nesse evento apocalíptico é o que levou a igreja a sua formação. Dizia Guilherme Miller: "Eu encontrei plenamente ensinado na Escritura que Jesus descera outra vez à Terra, vindo nas nuvens do Céu e com toda a glória de Seu Pai; que em Sua vinda os corpos dos justos mortos serão ressuscitados para encontrar o Senhor nos ares, e reinarão com Ele. . . . Descobri que o único milênio ensinado na Palavra de Deus são os mil anos que separarão a primeira ressurreição e a dos outros mortos, como aparece em Apocalipse 20, e que deve seguir necessariamente a vinda pessoal de Cristo e a regeneração da Terra"⁷.

1. Jorge Bush, *The Millennium*, Dayton and Newman. Nova Iorque, pág. 4.

2. *Idem*, pág. 5.

3. *Idem*, pág. 9.

4. Epistola de S. Barnabé, Capítulo 15.

5. W. A. Jurgens, *The Faith of the Early Fathers*, Liturgical Press, Minns., 1970, pág. 61.

6. *SDA Bible Student's Source Book*, pág. 640.

7. *SDA Encyclopedia*, pág. 1.017.

União Centro-Americana

A União Centro-Americana abrange sete países: Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá e Belize. Ao todo, tem uns 18 milhões de habitantes. A União possui 64.872 membros, 337 igrejas, 382 professores, 165 obreiros evangélicos e 252 colportores.

O presidente da União é o Pastor Roberto S. Folkenberg, casado com Anita Emmerson, e durante 12 anos tem sido missionário na América Central. O Pastor Folkenberg é evangelista, cantor e piloto. O secretário da União é o Pastor Aristides Gonzáles, do Panamá. O tesoureiro é o Pastor Samuel Leonor, oriundo da República Dominicana.

A União consiste de sete Campos locais, cujos presidentes são:

Missão de Belize ... Hugo Blackman
Missão de Guatemala José Gonzaléz Riqué
Missão de El Salvador Raul Rodríguez
Missão de Honduras Bert Elkins
Missão de Nicarágua Roberto Eubanks
Missão de Costa Rica Flávio Villarreal
Associação Panamense ... Luís Alaña

EDUCAÇÃO: A principal instituição é o Colégio Adventista de Costa Rica, em Alajeula, que possui uns 600 alunos e cujo diretor é o Prof. DelRoy Pryce. Tem um sólido curso de Teologia, com sete professores, cujo chefe é o Pastor Rodolfo Hein. Há também colégios com internato em Honduras, Guatemala, Belize e Panamá. Executam um vigoroso programa educacional na América Central, sendo o diretor de Educação da União o Pastor David G. y Poyato.

OBRA MÉDICA: A principal instituição é o Hospital de Nicarágua, com 60 leitos e uma excelente escola de enfermagem. Há também o Hospital

A União Centro-Americana mantém um enérgico programa de evangelismo.

do Valle de Angeles, e Honduras, a 15 km de Tegucigalpa, num dos mais belos lugares de toda a América Central. Existem clínicas na Guatemala e instituições de saúde de manutenção própria em Honduras e Belize

EVANGELISMO: A União Centro-Americana mantém uma enérgico programa de evangelismo. O evangelista da União é o Pastor Bobby L. Roberts. Cada ano são realizadas várias campanhas grandes, com magníficos resultados. Para 1979 a União planejou 7 gigantescas campanhas de evangelização — uma em cada Campo da União. Para duas delas foram alugados estádios cobertos, com capacidade para mais de quinze mil pessoas. Todos os pastores dedicam pelo menos 20 semanas à evangelização. Os leigos são muito ativos na pregação do evangelho e na conquista de almas. São transmitidos os programas de rádio "La Voz de la Esperanza", "La Voz del Hogar" e outros programas locais. Os carteiros missionários distribuirão um milhão e meio de lições em 1979.

ASPECTOS ESPECIAIS: Os escritórios da União Centro-Americana são muito funcionais e belos, com casas recém-construídas para todo o pessoal. Outrossim, a União tem seu próprio avião bimotor para dez passageiros.

A União tem uma Caixa Econômica e de Empréstimos que proporciona bons serviços a pastores e igrejas.

Em 1979 espera-se que comece a funcionar a emissora de rádio adventista, na cidade de Guatemala, em FM e AM.

A União possui também um serviço especial audiovisual de preparação de músicas e sermões em cassetes.

Na Costa Rica funciona um conjunto de fábricas sob a direção da Divisão.

A União está batizando cerca de sete mil almas por ano. É uma União muito dinâmica e com grande espírito de unidade e desejos de terminar rapidamente a obra de Deus.

"Só podemos ser habilitados para o Céu mediante a operação do Espírito Santo no coração; pois temos de ter a justiça de Cristo como credenciais nossas, se quisermos ter acesso ao Pai. Para que tenhamos a justiça de Cristo, precisamos diariamente ser transformados pela influência do Espírito, a fim de sermos participantes da natureza divina." — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 374.